



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1º grau canónico)**

**DANIEL FEKA KALIQUITA**

**Estratégias literárias do Livro dos Atos do Apóstolos.**

Análise de propostas da exegese recente.

Dissertação Final sob orientação da professora Doutora Luísa  
Maria Almendra, PhD

**Lisboa, 2025**

## INDICE

RESUMO .....	i
ABSTRAT .....	ii
INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO I - ESTRATÉGIAS LITERÁRIAS NO LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS .....	5
1.1. Breve introdução do estudo da exegese recente sobre a obra lucana .....	5
1.1.1. R. Tannehill e os estudos de Lucas-Atos.....	7
1.1.2. Marguerat e a exegese atual dos Atos .....	10
1.1.3. Os Atos dos Apóstolos para além de uma narrativa histórica .....	14
1.2. As Estratégias Literárias .....	15
1.2.1. As Narrativas .....	16
1.2.2. A Linguagem .....	17
1.2.3. Cadeias narrativas.....	18
1.2.4. Repetições de episódios e cenários.....	19
1.2.5. Syncrisis .....	20
1.2.6. Discursos .....	21
1.3. Estratégias de Leitura .....	22
CAPÍTULO II - TEXTOS E RESPECTIVAS LEITURAS .....	24
2.1. Pedro e Cornélio (At 10): abertura ao mundo pagão.....	24
2.1.1. Discurso de Pedro (10, 34-43).....	24
2.1.2. Batismo dos pagãos (10, 44-48) .....	25
2.2. Concílio” de Jerusalém (At 15): continuidade e descontinuidade.....	27
2.2.1. Palavra de Pedro (15, 7-12) .....	29
2.2.2. Palavra de Tiago (15, 13-21) .....	29
2.2.3. Última palavra (15, 22-29) .....	30
2.3. Figura de Paulo (At 22-26) – do judaísmo ao cristianismo.....	32
2.3.1. O que é específico de Atos 22? .....	34
2.3.2. E o que podemos dizer de Atos 26? .....	36
2.4. Paulo em Roma (At 28) – A consolidação do cristianismo.....	38
2.5. Uma narrativa de um final em tensão .....	39
CAPÍTULO III - RELEVANCIA DAS ESTRATÉGIAS LITERARIAS NA COMPREENSÃO DA IDENTIDADE CRISTÃ .....	41
3.1. Unidade na diversidade .....	41
3.1.1. Comunhão e vida comunitária.....	44

3.1.2. Partilha do pão e a celebração Eucarística.....	47
3.2.3. Fidelidade ao ensino dos Apóstolos .....	51
3.2. A Universalidade .....	54
3.2.1. Pentecostes: Unidade na Diversidades (At 2, 1-13) .....	55
3.2.2. Atos 10, 34-35 – A Conversão de Cornélio .....	56
CONCLUSÃO.....	65
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	68

## RESUMO

Um dos contributos mais relevantes da exegese recente sobre o livro dos Atos dos Apóstolos é sem dúvida o entendimento da sua narrativa como um projeto literário que visa delinear a construção de uma identidade cristã. O autor bíblico elabora estratégias literárias em vista deste seu projeto teológico. A exegese recente, nomeadamente os estudos de R. Tannehill e de D. Marguerat, tentaram estudar estas estratégias literárias, no sentido de compreender a obra lucana (Evangelho – Atos) como um debate que define os traços essenciais de uma identidade cristã em elaboração na época de redação do livro. Referem-se as cadeias narrativas, a linguagem, as repetições de episódios, como exemplos que evidenciam uma estratégia literária construída com o objetivo de exemplificar este debate intensamente premente nos finais do séc. I. Relido à luz do contributo da exegese recente, o livro dos Atos dos Apóstolos emerge como um testemunho de uma identidade cristã que, na sua origem é marcada por um lado por uma unidade e diversidade e por outro por uma continuidade na descontinuidade de alguns elementos judaicos. A dimensão da universalidade, assim como a integração das diferentes tradições completam a perspetiva do autor bíblico da identidade cristã.

**Palavras – Chave:** Atos dos Apóstolos, Narrativa; Identidade; Cristão; Igreja; Estratégia; Unidade; Universalidade; Diversidade; Comunhão

## **ABSTRAT**

One of the most significant contributions from recent exegesis on the book of Acts of the Apostles is the interpretation of its narrative as a literary project aimed at outlining the construction of a Christian identity. The biblical author employs various literary strategies to serve this theological purpose. Recent studies, particularly by R. Tannehill and D. Marguerat, have explored these literary techniques to better understand Luke's work (the Gospel and Acts) as a dialogue that defines the essential characteristics of a Christian identity emerging at the time the book was written. Elements such as narrative chains, specific language choices, and the repetition of episodes illustrate the literary strategy intended to exemplify the urgent debate surrounding identity at the close of the 1st century. By reevaluating the book of Acts in light of these recent insights, it becomes evident that it serves as a testimony to a Christian identity that, at its foundation, is characterized by both unity and diversity, as well as continuity amidst the discontinuity of certain Jewish elements. The dimensions of universality and the integration of various traditions further enrich the biblical author's perspective on Christian identity.

**Keywords:** Acts of the Apostles, Narrative; Identity; Christian; Church; Strategy; Unity; Universality; Diversity; Communion.

## INTRODUÇÃO

O presente projeto de dissertação, elaborado no contexto do mestrado integrado em teologia, procura abordar um tema importante na compressão do mistério que é a vida cristã – a sua identidade e missão – expondo alguns contributos relevantes da exegese recente sobre o Livro dos Atos dos Apóstolos. Centraremos o nosso estudo particularmente no impacto que eles têm tido no entendimento da narrativa bíblica do Livro dos Atos como um projeto de debate e construção da identidade cristã.

O estudo está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo procuramos introduzir o estudo da exegese recente sobre o livro dos Atos dos Apóstolos enquanto composição literária. Neste estudo, observaremos o contributo dos trabalhos desenvolvidos por R. Tannehill e D. Marguerat, que consideramos fundamentais. Se na primeira metade do século XX, o estudo do Evangelho de Lucas e o livro dos Atos dos Apóstolos seguiam caminhos diferentes, um para o contexto do estudo da vida de Jesus (Evangelho) e o no contexto da problemática das fontes e do valor histórico-teológico (Atos dos Apóstolos), com R. Tannehill abriram-se novas perspetivas no estudo e interpretação da obra lucana. Este autor centrou a sua investigação na questão da unidade literária “Lucas-Atos”, sublinhando fundamentalmente a coesão global entre ambas as obras à luz das repetições temática, ligações cruzadas, paralelismo sistemáticos e tantos outros instrumentos ou mecanismos literários possíveis que estão presentes na obra. Neste sentido, ao entrar em contacto com os textos lucanos, considera-se necessária esta hermenêutica unitária, a fim de compreender o espírito do autor no seu conjunto. Trata-se de uma unidade que já está presente no próprio texto, quando se coloca em paralelo os textos de Lc 1, 1-4 e de At 1, 1. Esta unidade literária é vista sob muitas perspetivas, desde a autoral à canónica, da genérica à estilística; da narrativa à teológica. Por outro lado, D. Marguerat restitui o carácter histórico do livro dos Atos dos Apóstolos. Porém, não se trata de história pura e simplesmente, mas uma releitura no ponto crente, ou seja, Lucas faz uma leitura teológica da história. Assim, mais que uma narrativa, o autor trabalha a narrativa do livro dos Atos sugerindo uma leitura e interpretação global, i. é o modo como Deus atua na história e na fé dos crentes.

O segundo capítulo da dissertação, apresentamos como forma de exemplificação prática um estudo das estratégias literárias capazes de se evidenciar na e pela narrativa. Para tal, seleccionamos o texto do encontro de Pedro e Cornélio (cf. At 10-12) onde Lucas propõe a

pregação como uma síntese da fé cristã – uma fé aberta para todos. Um outro texto proposto é o episódio da Assembleia de Jerusalém (cf. At 15), aqui a fé cristã marca passos decisivos de aberta aos gentios; assim também propomos uma leitura da figura e a ação de Paulo e Barnabé (cf. At 9, 22, 26). Em quase todos os textos, assinala-se a universalidade da fé cristã e o facto de o caminho da salvação de Deus estar aberto a todos; pois é na Pessoa de Jesus Cristo, cuja obra e missão se estende muito para além das estreitas fronteiras de Israel. Com o concílio de Jerusalém (cf. At 15), a comunidade cristã dominada ainda pela grande influência judaica, procura construir a sua própria identidade, demarcando assim a continuidade e descontinuidade de algumas tradições. Lucas constrói as personagens de Pedro e Paulo como duas colunas da fé cristã, estabelecendo Jerusalém e Roma como dois polos que representam o início e a consolidação da fé cristã.

E por fim, no terceiro capítulo nos debateremos como estas estratégias literárias resultam no estabelecimento e compreensão numa definição da identidade cristã, particularmente a dimensão da unidade na diversidade muito sublinhada ao longo da narrativa dos Atos e a dimensão da universalidade e a integração das diferentes tradições na fé cristã, sem que isto representa uma ameaça.

Concluimos a nossa investigação com uma abordagem pessoal do modo como a nossa leitura discerne as características que constituem a identidade cristã. O cristão é um ser que vai se construindo cada dia, cada vez que revisita a fonte: Palavra de Deus. É um desafio no qual somos todos chamados. O tema escolhido por nós, é importante no sentido de que buscamos compreender o contributo da exegese recente na compressão da obra dos Atos e quais as estratégias narrativas usadas pelo autor a fim de demarcar as características que definem a identidade cristã.

## CAPÍTULO I - ESTRATÉGIAS LITERÁRIAS NO LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS

Neste primeiro capítulo, vamos referir-nos ao estudo da exegese recente sobre o livro dos Atos enquanto composição literária. Basear-nos-emos, fundamentalmente na obra de R. Tannehill, na qual o autor nos apresenta uma análise do ponto de vista literário, sobre a narrativa Lucana sublinhando, sobretudo, a coesão e os temas teológicos que nela estão presentes<sup>1</sup>. A investigação desenvolvida por D. Marguerat foi também fundamental para o estudo desta temática. Nela o autor oferece uma reflexão sobre o livro dos Atos dos Apóstolo numa perspetiva histórica, literária e teológica, dando maior ênfase ao contributo do autor para a construção e formação da identidade cristã primitiva<sup>2</sup>.

### 1.1. Breve introdução do estudo da exegese recente sobre a obra lucana

Em finais do século XIX e início do século XX, houve diversos métodos e abordagens de interpretação bíblica, nomeadamente o método histórico-crítico - que consiste em colocar em evidência, de maneira diacrónica, o sentido expresso pelos autores e redatores, como afirma a Comissão Pontificia Bíblica no documento sobre a Interpretação da Bíblia na Igreja (1993); muitos aspetos literários passaram a ser considerados pela exegese, em particular os aspetos filológicos-literários e sintáticos-estilísticos analisados em função da construção do texto, o que de certa forma originou a crítica das formas, *formgeschichte* e *redaktionsgeschichte*, relacionada com o estudo crítico da redação. Esta última, por sua vez - assegura o documento sobre a Interpretação da Bíblia na Igreja -, “procura colocar em evidência o contributo pessoal de cada autor bíblico e as orientações teológicas que conduziram os trabalhos de redação”.

A evolução da crítica textual, estendeu-se à crítica literária, dando origem à pesquisa das fontes, ao estudo das formas e à análise da redação. Este processo permitiu uma compreensão mais clara das intenções dos autores e redatores da Sagrada Escritura,

---

<sup>1</sup> R. Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts: A Literary Interpretation*, V. I-II (Fortress Press, Minneapolis, 1994).

<sup>2</sup> D. Marguerat, *The first Christian Historian. Writing the Acts of the Apostles* (Cambridge University Press, UK, 2004).

tal como a mensagem original dirigida aos seus destinatários. Por isso, o método histórico-crítico tornou-se também fundamental para a interpretação do texto sagrado.

Na primeira metade do século XX, o estudo tanto do Evangelho de Lucas quanto do Livro dos Atos dos Apóstolos, seguiu caminhos diferentes. R. Monastério e A. Carmona argumentam que o Evangelho seguiu o caminho no contexto do estudo da vida de Jesus e da questão sinóptica, por sua vez nos Atos, centraram-se no problema das fontes e do valor histórico-teológico da obra, estudos desenvolvidos particularmente pela Escola de Tübingen<sup>3</sup>. Porém, com o aparecimento da história das formas, a preocupação dos estudos muda de direção, voltando-se principalmente para a hipótese de duas fontes. No que concerne ao estudo dos Atos, a preocupação prende-se à veracidade histórica-teológica da obra, assunto que serviu de debates em muitos círculos de estudos. Para R. Bultman, a obra lucana constitui uma peça importante do proto catolicismo<sup>4</sup>. E neste sentido, M. Dibelius teve grande influência num posterior desenvolvimento destes estudos<sup>5</sup>. Por outro lado, os estudos de H. Cadbury, um dos grandes precursores da história da redação e especialista no Livro dos Atos apresenta uma abordagem histórica e linguística, explorando os textos dos Atos, quanto a sua estrutura e os seus aspetos literários.

Foi na abordagem histórica, a partir dos anos 50, que o interesse pelos estudos da teologia lucana atraiu a atenção de muitos exegetas do Novo Testamento, particularmente com os estudos de Vielhauer, Haenchen assim como Cozelman, tanto que chegando aos anos 60, esta temática, nas palavras de Van Unnik, citado por R. Monastério e A. Carmona, se transformam em vórtice do ciclone<sup>6</sup>, por causa das suas implicações teológicas e eclesiológicas. Num artigo escrito por Ph. Vielhauer em 1950<sup>7</sup>, abriu-se o debate sobre a teologia de Lucas no qual se chegou à conclusão, que a teologia apresentada por Lucas era anti paulina, pois, não refletia o pensamento do apóstolo Paulo. Contudo, nesta panorâmica histórica, em relação à teologia de Lucas, muitos autores surgiram com posições diversas, a fim de caracterizar a obra dos Atos. Sem a pretensão de um desenvolvimento histórico abrangente, sobre em relação a investigação crítica literária sobre o Livro dos Atos, resumidamente consideremos, por

---

<sup>3</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles en el siglo XX* (Estella, Navarra, 2003), 279.

<sup>4</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 280.

<sup>5</sup> Este entre os anos 1923 a 1949, este autor publicou uma série de obras e artigos que defendem o caráter teológico e não teológico dos discursos dos Atos.

<sup>6</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 280.

<sup>7</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 115.

exemplo, os autores mais proeminentes nestes estudos: M. Debelius (1883-1947), considera a obra lucana como uma visão da história entendida como realização do plano divino, em que Deus guia os acontecimentos humanos. E. Haenchen (1894-1975), entende o Livro dos Atos como o reflexo da teologia dos étnico-cristãos dos primeiros séculos.

H. Conzelmann (1915-1989), por sua vez acentua esta tendência, considerando a teologia de Lucas parte de uma questão central – *o atraso da parusia*. Portanto, para H. Conzelmann, a obra lucana (Lucas-Atos), substitui a escatologia cristã por um plano da história da salvação, dividida em três períodos, no contexto do proto catolicismo<sup>8</sup>. Por outro lado, E. Kaseman (1906-1998), que também sublinha o atraso da parusia como ponto de partida da teologia lucana, distingue-se do anterior, porque acentua a dimensão do “já”, mais do que o “ainda não”. Temos ainda H. Cadbury (1883-1974) juntamente com F.J. Foakes-Jackson (1855-1941); K. Lake (1872-1946) e James H. Rope (1866-1933), de que já fizemos referência anteriormente, oferecem uma análise aprofundada sobre o desenvolvimento do cristianismo primitivo, particularmente nos seus contextos históricos, culturais, linguístico-literários e teológicos.

No entanto, percorrida uma linhagem histórica dos estudos sobre o Livro dos Atos, a preocupação atual que nos colocamos para iniciar estes estudos, prende-se com as questões do tipo: (1) como é que hoje é ou deve ser lida a obra lucana, em particular os textos dos Atos? (2) que estratégias de leitura são requeridas para uma clara compreensão da intenção do autor da obra? Nos pontos seguintes serão desenvolvidas estas questões a partir dos estudos de R. Tannehill e de D. Marguerat.

### **1.1.1. R. Tannehill e os estudos de Lucas-Atos**

No contexto dos estudos mais recentes sobre os Atos, entre muitas contribuições sobressaem, os estudos de R. Tannehill, que abrem novas janelas para o estudo e interpretação dos textos bíblicos, particularmente do Novo Testamento no aprofundamento da obra lucana. R. Tannehill desenvolve e aprofunda os estudos em volta da questão da unidade literária Lucas-Atos sublinhando a coesão global entre

---

<sup>8</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 281

ambas à luz das repetições temáticas, ligações cruzadas, paralelismo sistemáticos e tantos outros fenómenos literários presentes na obra.

Em 1975 publica uma obra na qual desenvolve a forma como o autor lucano se debate com os problemas e preocupações judaicas ao explicar a história de como os gentios foram incluídos na nova comunidade dos féis<sup>9</sup>. Os paralelismos entre os personagens nas suas atividades, constitui também um reflexo desta unidade literária. É a partir desta unidade da obra lucana que desenvolveremos o nosso estudo, não sem antes justificar esta opção. Em relação ao Atos, a preocupação já não era a crítica histórica ou o problema aural. R. Tannehill tenta, nos seus estudos, justificar a leitura unitária da obra lucano, para a compreensão dos textos, segundo a pretensão do autor e não se distancia desta perspectiva.

Ora, pelas características que o Livro dos Atos apresenta, na construção, na composição da narrativa e no aspeto linguístico, dá-se a entender que o autor bíblico terá sido um bom conhecedor de retórica. Assim, como observa R. Tannehill: *Foi escrito por um autor de habilidade literária e rica imaginação que tinha uma visão complexa do significado de Jesus Cristo e da missão em que é a figura central*<sup>10</sup>. Ao longo da narração é o próprio autor bíblico que nos dá indicações desta unidade literária da obra, que por sua vez nos conduz a uma melhor compreensão da narrativa. Nela há uma série de paralelos importantes entre os quais se podem estabelecer analogias, assegura R. Tannehill, como por exemplo, observar a figura de Jesus e compará-la com a figura dos seus discípulos, entre os quais Pedro e Paulo, como veremos nos capítulos seguintes deste trabalho.

Hoje ao entrar em contacto com os textos de Lucas, considera-se muito necessária esta hermenêutica unitária, a fim de compreender o espírito do autor bíblico no seu conjunto. Porém, alguns autores, sem negar a leitura unitária Lucas-Atos, opõem-se de certa forma a uma leitura ultra-unitária, ou seja, uma unidade que não leva em conta a possibilidade de diferenças tanto do ponto de vista do género quanto na sua forma de composição. Neste sentido, R. Tannehill chama atenção e defende a leitura de unidade contra as críticas destes e afirma que: “Lucas e Atos constituem uma narrativa unificada

---

<sup>9</sup> R. Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts: A Literary Interpretation*, V. I-II (Fortress Press, Minneapolis, 1994).

<sup>10</sup> Cf. R. Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts*, 24: *...It was written by an author of literary skill and rich imagination who had a complex vision of the significance of Jesus Christ and of the mission in which he is the central figure.*

porque os diferentes eventos narrados se relacionam com um único propósito subjacente, o projeto de Deus de levar a salvação a toda humanidade”<sup>11</sup>.

R. Tannehill sugere, portanto, que o Evangelho de Lucas e o Livro dos Atos dos Apóstolos narram uma história contínua. Comprova-o o prólogo do Evangelho (Lc 1, 1-4), na expressão *...narração dos factos que entre nós se consumaram* e a menção que se faz no prólogo do Livro dos Atos *primeiro livro* (At 1, 1), certificando-se que ambas as obras estão unidas por um único objetivo narrativo. A unidade entre o Evangelho e os Atos também pode afirmar-se uma vez que o destinatário da mensagem, é o mesmo: “(...) *resolvi eu também, depois de tudo ter investigado cuidadosamente desde a origem, expô-los a ti por escrito e pela sua ordem, caríssimo Teófilo*” (Lc 1, 3; At 1,1). Assim, após completar o primeiro livro, segue-se um segundo que se liga perfeitamente ao conteúdo do primeiro livro, como se explicita no início da obra dos Atos (At 1,1). A unidade da história de Jesus desenvolvida ao longo da obra lucana, é antes de mais, “um trabalho de leitura e releitura, ou seja, é o leitor que tem de reconhecer as estratégias narrativas que conectam os dois livros”<sup>12</sup>.

O carácter unitário da obra lucana continua a ser objeto de reflexão e de estudos em muitos círculos, pois trata-se de uma questão complexa. No entanto, apesar da complexidade que há entre os dois textos de Lucas-Atos, é inegável a relação de complementaridade, tanto ao nível das diferenças quanto ao nível das semelhanças que os aproximam. Esta unidade literária é vista sob muitas perspetivas, desde a autoral à canónica, da genérica à estilística; da narrativa à teológica. Hoje o consenso de unidade é uma realidade entre muitos estudiosos e é a partir deste pressuposto de unidade que iremos estudar particularmente alguns textos.

A obra lucana constitui um testemunho literário único em relação aos outros escritos da Sagrada Escritura, assumindo um desafio no seu estudo e compreensão. R. Monasterio e A. Carmona, registam que Lucas-Atos constituem um bloco de aproximadamente 37.778 palavras, quantitativamente, o mais importante e o mais complexo de todo o Novo Testamento<sup>13</sup>. Isto representa um dado literário importante inserido no contexto de um cristianismo que procura construir e compreender a sua identidade no quadro da História *Salutis* e por isso, encontra novas expressões de identificação.

---

<sup>11</sup> Cf. R. Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts*, 339.

<sup>12</sup> Cf. R. Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts*, 430.

<sup>13</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 201-202

### 1.1.2. Marguerat e a exegese atual dos Atos

Apesar dos estudos sobre o Livro dos Atos dos Apóstolos se mostrarem bastante diversificados nos últimos anos, a abordagem de D. Marguerat marca diferença no sentido em que, diferente da Escola de Tubinga, ele é otimista no que concerne ao valor histórico do Livro do Atos dos Apóstolos. D. Marguerat desenvolve uma abordagem nova em relação aos temas clássicos da teologia lucana. Basta observar em profundidade as temáticas que desenvolve na obra: o cristianismo entre Jerusalém e Roma; a Imagem de Deus; a obra do Espírito Santo e, posteriormente, a unidade de Lucas-Atos.

Superado o debate, se o Livro dos Atos é ou não história, o facto é que D. Marguerat restitui de certa forma o carácter histórico da obra, que já tinha sido perdido. Porém, não se trata de história de acontecimentos pura e simplesmente, pois Lucas faz uma leitura crente da história<sup>14</sup>. Para D. Marguerat, os primeiros versículos dos Atos indicam-no logo desde o início (1, 6-7): Lucas entende a história como um teólogo, isto é, considerando o tempo que pertence antecipadamente a Deus<sup>15</sup>.

Quanto às fontes utilizadas por Lucas, diferente de outros exegetas, D. Marguerat tende a diminuir a importância das fontes utilizadas pelo autor lucano, pois, para o exegeta a preocupação maior é com o trabalho do redator dos Atos, o qual procura colocá-lo em evidência. Por exemplo, no que se refere aos discursos dos Atos, D. Marguerat atribui-os apenas a Lucas e não a esta ou aquela fonte. Justificando também, como o autor dos Atos teve de fazer, seguindo os modelos de historiadores greco-romanos. Existem também alguns temas importantes que D. Marguerat introduz na sua obra: o percurso geográfico e espiritual que a narrativa dos Atos faz, de Jerusalém a Roma e o estudo sobre Deus do Atos, reflectindo como é que atua o Espírito Santo na narrativa do Atos dos Apóstolos e quais as implicações da sua presença na vida e na missão. Para D. Marguerat, o Livro dos Atos dos Apóstolos mais do que uma narrativa, representa o modo como Deus caminha com o seu povo, continuando o seu projeto salvífico de diferentes formas.

#### **Jerusalém e Roma**

---

<sup>14</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 21.

<sup>15</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 22.

Geograficamente o Livro dos Atos situa os primeiros acontecimentos em Jerusalém. Na continuidade da narrativa refere-se a passagem pela Samaria, terminando em Roma. Esta linha espacial, que Lucas apresenta conduz o leitor num eixo geográfico que vai de Jerusalém, onde se desenrolam as narrativas da Infância (Lc 1-2), e finda até Roma, onde Paulo chega como prisioneiro (At 28)<sup>16</sup>. Não se trata, certamente, de um facto ocasional, mas intencional por parte do autor. É, neste sentido, D. Marguerat propõem um novo paradigma de leitura do Livro dos Atos que consiste na intencionalidade do autor, tendo em vista o seu grande projeto teológico de integração e identificação do cristianismo em relação aos outros movimentos religiosos já existentes. Assim, surge uma questão importante a ter em conta: porquê e como é que o autor da obra lucana situa o cristianismo entre Jerusalém e Roma?

Ora, observando com maior profundidade a narrativa do Livro dos Atos, vê-se claramente que esta constitui na verdade a problemática principal na história da interpretação Lucas-Atos. Ora, se afirmámos que o projeto teológico de Lucas é o da integração, o autor visa estabelecer e consolidar este ideal, que por sua vez está na base da construção da identidade cristã marcada por um carácter de sem fronteiras entre Jerusalém – Roma; Israel – Imperio Romano ou ainda Cristianismo – Judaísmo. É a integração de um todo.

Para assegurar tal projeto teológico de integração, D. Marguerat nos seus estudos aponta para a análise da construção de algumas personagens-chaves que intervêm na narrativa dos Atos, desenvolvendo o seu perfil cultural e religioso. Estes oferecem-nos alguns indícios de uma desejada ligação entre os polos referidos anteriormente. Entre muitas personagens ou figuras como Pedro, Estevão, Barnabé, Timóteo e outros, a título de exemplos escolhemos Paulo.

### **A figura de Paulo**

Paulo representa uma figura singular nos Atos. Ocupa a segunda metade do Livro dos Atos, situando-se o seu ministério e na continuidade da missão dos apóstolos referidos no evangelho. A importância que o autor dos Atos lhe dá, insere-o no contexto das estratégias narrativas, tornando-o uma figura emblemática do ideal universal que tem como projeto teológico. Então, qual é a importância de Paulo na narrativa dos

---

<sup>16</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 65.

Atos? Como caracterizar ou avaliar a sua evolução enquanto personagem? Quem é Paulo para Lucas?

A figura de Paulo é juntamente com Pedro uma figura de grande relevância no desenvolvimento do cristianismo. O autor bíblico apresenta em três momentos narrativos (At 9, 1-30; 22, 1-22, 26, 2-23) os traços que demarcam o perfil de Paulo. Paulo passa de um judeu zeloso a testemunha fiel de Cristo, cruzando os dois mundos, Judaísmo e Cristianismo, encarnando e garantindo uma extraordinária continuidade. Neste sentido, D. Marguerat sugere que o autor lucano, “prevê um cristianismo que reúne o melhor do judaísmo, naquilo que paganismo helenístico tem a oferecer”<sup>17</sup>.

Contudo, D. Marguerat considera ainda que o autor bíblico recorre a uma ambivalência semântica, com a finalidade de dar espaço e abertura para diversos sentidos, recusando impor um único sentido. Logo, “cabe ao leitor resolver ou continuar a ler o texto mantendo a pluralidade de sentido que lhe é sugerida”<sup>18</sup>. Nas narrativas que evocam a conversão de Paulo e nos seus, nomeadamente em Atenas (At 17, 16-34), D. Marguerat vê muito esta realidade<sup>19</sup>. Trata-se de um discurso inserido no mesmo mecanismo literário de ambivalência, onde deixa abertura de sentido para os ouvintes, a fim de provocar respostas e reflexões para outros sentidos. E por fim, temos o texto do final dos Atos (28,16-31), que ilustra perfeitamente esta dimensão universal da identidade cristã.

### **A linguagem sobre Deus dos Atos**

No que diz respeito ao tratamento que o autor bíblico faz de Deus, D. Marguerat entende sublinha uma construção narrativa intencional. Por isso, torna-se necessário uma abordagem narratológica do discurso de Lucas, para, a partir dele, compreender as afirmações sobre Deus, assim como também perceber as múltiplas funções que estas afirmações desempenham na narrativa.

---

<sup>17</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 68-70.

<sup>18</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 75.

<sup>19</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 72: *The speech opens with an already ambiguous address as Paul calls the Athenians δεισδαιμονεστέροι (17. 22); are they ‘very religious’ or ‘very superstitious’? The word offers two nuances in the Koine and I believe Luke wants to allow the reader to choose his/her own preference. But the ambivalence of the speech (between a Greek and a Jewish reading) depends on an expression that I think commentators are tempted to settle too quickly. The God that Paul proclaims in Athens created all people εὖ εὖος (17. 26); who is this ‘one’? Is the God of Acts 17 the Creator that Israel worships (in this case, εὖος is masculine and designates the one man, Adam), or is this God the original principle in which the Stoics believe (in this case, εὖος is neuter)?*

Muito do que Lucas pensa e diz de Deus enquanto escritor e teólogo, está implícito e/ou explícito na mesma narrativa, como já nos referimos anteriormente. No discurso implícito, Deus manifesta-se através de mediações teofânicas, como é visto em Atos 16, 6-7, 9 *Paulo e Silas atravessaram a Frígia e o território da Galácia, pois o espírito Santo impediu-os de anunciar a Palavra na Ásia. Chegado a fronteira da Mísia e tentara dirigir-se, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu. (...) Ora, durante a noite teve uma visão: um macedónio estava de pé diante dele e fazia lhe este pedido: passa Macedónia e vem ajudar-nos!* Deus é nomeado diretamente: *...logo, que Paulo teve esta visão, procuramos partir para a Macedónia, persuadidos de que Deus nos chamava, para aí anunciar a Boa-Nova.* (At 16, 10). Estas narrativas desempenham uma dupla função: profética e performativa.

Podemos considerar que o autor de Atos nos dá uma imagem de Deus a partir da narrativa, onde é possível deduzir que o Deus dos Atos, é um Deus presente na história dos homens, isto explica, afirma D. Marguerat, a surpreendente dialética da narrativa dos Atos, onde o divino e o humano se encontram e se harmonizam constantemente em mediações variadas, para transformar a história em história de salvação<sup>20</sup>. Trata-se de um Deus presente que fala, ensina e orienta os acontecimentos através de sonhos, visões ou suas testemunhas<sup>21</sup>.

### **O Espírito Santo nos Atos**

Segundo D. Marguerat, podemos afirmar que a narrativa do Livro dos Atos é essencialmente um Evangelho do Espírito<sup>22</sup>, pela importância e protagonismo que o autor dá ao Espírito no decurso da narrativa. Embora, no corpo do Novo Testamento haja muitos outros autores que colocam em evidência a temática da pneumatologia, neste estudo queremos fundamentalmente focar-nos nos Atos dos Apóstolos, uma vez que para Lucas é o Espírito que toma conta das comunidades, dirige o caminho dos Apóstolos, inspirando ações, gestos e palavras.

A narrativa do Pentecostes (At 2, 1-13) representa um facto de grande importância plano salvífico de Deus na sua obra. O autor elabora um discurso-síntese da concepção

---

<sup>20</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 108.

<sup>21</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 102: *There is a divine discretion, which indicates the theology that Luke draws on: a theology of the hidden God, who reveals himself by veiling himself: it is the word of the witness that must pierce the uncertainty. This is not a theology of mystery, but a theology of revelation, which brings Luke close to the sapiential-apocalyptic tradition of the Q source.*

<sup>22</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 109.

do Espírito Santo em Atos que nos obriga a partir deste acontecimento. É praticamente com ele que a narrativa lucana se desenrola. A Igreja não nasce da humanidade, mas do sopro de Deus: Espírito Santo. Em Atos 1, 8, o Espírito Santo é uma força, poder e dom que transforma discípulos em testemunhas credíveis de Jesus, desde Jerusalém até aos confins da terra. Na perspetiva de D. Marguerat, esta Igreja nascida do Espírito e apresenta três características distintas que a constituem como fundamento da própria identidade cristã: (a) é uma comunidade missionária, não por vocação, mas por natureza; (b) todos na comunidade recebem o Espírito, sinal dos tempos escatológicos, para testemunhar; (c) Israel representa os inícios desta Igreja.

Por outro lado, uma outra característica do Espírito que muitos exegetas apontam e entre eles D. Marguerat, consiste no facto de o Espírito estar relacionado com a proclamação da Palavra. Um exemplo disto é o discurso de Pedro no dia de Pentecostes, pois o Espírito leva-nos de qualquer maneira a comunicar a Palavra. Lucas ao falar do Espírito, inclina-se fortemente para uma perspetiva pragmática. Mais do que refletir e elaborar conceitos acerca do Espírito Santo, somos de alguma forma orientados a viver do Espírito e a discernir o seu caminho ao longo da história.

### **1.1.3. Os Atos dos Apóstolos para além de uma narrativa histórica**

Os Atos dos Apóstolos têm um género literário muito singular no corpo do Novo Testamento, além de narrar a expansão da comunidade primitiva, o autor, pretende unir a história dos apóstolos e a de Jesus, produzindo deste modo, um escrito que pertence tanto ao género biográfico (evangelho) como ao género histórico<sup>23</sup>. Ora, enquanto os evangelhos narram a vida, morte e ressurreição de Jesus, os Atos iniciam a narrativa a partir da ressurreição e ascensão e apontam para a expansão da Igreja primitiva além-fronteiras. Porém, quando nos referimos ao uso da palavra ‘história’ para classificar o seu género, é necessário ter em conta os critérios da historiografia do contexto no qual o autor está inserido.

Como qualquer narrativa histórica, a perspetiva dos Atos é seletiva naquilo que inclui. Por isso, não faz sentido esperar que os Atos nos contem toda a história dos inícios da comunidade cristã. O propósito da obra é orientado por uma ‘agenda’ missionária indicada por Jesus no início do livro: *Ides receber uma força, a do Espírito*

---

<sup>23</sup> Cf. D. Marguerat, *Introducción Al Nuevo Testamento – Su historia, su escritura, su teología* (Desclee de Brouwer, Bilbao, 2008), 132.

*Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda Judeia e Samaria e até aos confins do mundo* (At 1, 8). Neste contexto, Roma representava ‘os confins do mundo’ e Paulo será a figura central nesta expansão da Palavra até aos confins do mundo.

Por isso, o estudo dos Atos é importante na medida em que a sua narrativa estabelece uma ponte entre Jesus e a Igreja, demonstrando assim como o movimento começado por Jesus se expande por todo Império Romano, através das comunidades crentes – homens e mulheres que se identificaram com o seu projeto de salvação. Por outra, a leitura dos Atos entre os escritos do Novo Testamento, oferecem uma perspectiva teológica a partir da qual se pode perfeitamente ler todo NT. Para D. Marguerat, Lucas pretende oferecer ao cristianismo primitivo uma memória das origens cristãs que demonstre a sua identidade como movimento cristão e isto faz dos Atos mais que uma simples narrativa histórica.

É possível dividir o livro em duas partes principais: uma primeira parte que vai dos capítulos 1-12 e uma segunda parte que vai dos capítulos 13-28. Na primeira parte, Pedro é o protagonista e na segunda é Paulo o centro da narrativa. Contudo, no meio destas personagens a Palavra é por antonomásia quem ocupa o lugar central na narrativa dos Atos, tanto é em que encontramos referida em muitas passagens, como *a palavra de Deus crescia* (6, 7); *a palavra de Deus crescia e se multiplicava* (12, 24); *a palavra do Senhor crescia e se fortalecia* (19, 20). Entre muitas outras referências, é a Palavra que aparece no início, no meio e no fim de toda narrativa. É a Palavra que sai de Jerusalém e vai até Roma, atravessando fronteiras étnicas, religiosas e culturais até atingir a sua dimensão universal. Esta categoria da universalidade é muito fundamental nos Atos. No entanto, é com base no recurso a muitos dispositivos literários, os quais chamamos estratégias literárias, que o autor do Atos constrói a sua narrativa para estar ao serviço do seu projeto teológico.

## **1.2. As Estratégias Literárias**

Na análise literária em torno de Lucas-Atos enquanto unidade narrativa, é importante identificar uma série de elementos externos e internos que criam uma dinâmica de leitura que nos permitem identificar com maior clareza a intenção do autor. São episódios ou relatos que se repetem, tanto no terceiro evangelho como nos Atos; o uso de uma mesma linguagem ou recursos estilísticos idênticos e que formam um

conjunto de estratégias literárias em vista de um projeto. Neste ponto de estudo, a preocupação prende-se com as estratégias literárias na perspectiva da narrativa e na leitura dos Atos dos Apóstolos.

### 1.2.1. As Narrativas

Entre muitos outros elementos a ter em conta na interpretação dos Atos, o primeiro é sem dúvida o mais importante. Trata-se, antes de mais, de ter presente o objetivo que motivou o autor a empreender tal obra. Descobrir este elemento-chave facilita o processo de interpretação e compreensão do texto. Assim, segundo D. Marguerat, Lucas pretende narrar o nascimento e a expansão do cristianismo, que vai de Jerusalém a Roma e estabelecer, deste modo, uma relação entre Israel, Jesus e a Igreja. D. Marguerat denomina o autor dos Atos “primeiro historiador cristão”, como ele mesmo escreve no seu prefácio<sup>24</sup>.

No entanto, R. Tannehill adverte que os textos dos “Atos devem ser estudados somente em termos de retórica narrativa”<sup>25</sup>, uma vez que a história narrada é construída para influenciar os seus leitores e ouvintes. Trata-se de uma finalidade que consiste em colocar o movimento religioso nascente no contexto geográfico e político mais amplo do Império Romano e por sua vez, fazer da Igreja o cumprimento das promessas de Deus a Israel. R. Tannehill entende que ao ler a obra lucana, o leitor é de alguma forma convidado a acompanhar a ação das personagens que entram em cena, assim como com a figura de Paulo, o autor procura esclarecer o modo como este concebeu as relações entre judaísmo e cristianismo no sentido de continuidade e ruptura. Isto não invalida que o autor bíblico tenha procurado também apresentar Pedro, dando-lhe um lugar de proeminência sobretudo no Evangelho (cf. Lc 4, 38-39; 5, 1-11; 6, 12-16; 9, 18-36; 22-23; 24, 33). No contexto da primeira comunidade cristã, Pedro ocupa um lugar singular. Porém, para além das personagens que desempenham um papel importante na narrativa e que condicionam a própria leitura do texto, há outros elementos literários que merecem atenção. Trata-se do estilo em que o próprio texto se apresenta, a linguagem, as sequências e cadeias narrativas, as repetições, as síncries e os paralelismos presente no texto.

---

<sup>24</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 3.

<sup>25</sup> Cf. R. Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts*, 4.

### 1.2.2. A Linguagem

A linguagem na obra lucana é muito variada e muito rica em termos de vocabulário, nomeadamente quando a comparamos com outros escritos do Novo Testamento. Estima-se que mais de quinhentas expressões são próprias dos Atos e que por sua vez, não são referidas nos restantes escritos neotestamentários. R. Monastério e A. Carmona, asseguram que vista no seu todo (Lucas-Atos) formam um bloco de aproximadamente 37.778 palavras, o que demonstra um conjunto quantitativamente mais importante e mais complexo em todo corpus do NT. Em termos linguísticos, o seu estilo e sintaxe estão próximos das formas clássicas, com influência da cultura e escritos hebraicos. Com uma sintaxe mais elaborada do que Marcos, Lucas evita a justaposição de proposições ligadas por um simples “e” (parataxe), introduz subordinadas através de conjunções, de participios ou de infinitivos, assegura François Bovon<sup>26</sup>, que aponta como exemplo a comparação que se pode fazer entre Lc 3, 21s ou Lc 11, 33 com Mc 1, 10 e Mt 5, 15. Porém, para além do evangelista não ser constante, a sua prosa por vezes é monótona.

O grego cuidado e uso de diversos estilos, mostra o quanto o seu autor é habilidoso na arte de comunicar e narrar os factos. Lucas, coloca na boca dos apóstolos as palavras certas; sabe evocar o falar hierárquico e semítico de Pedro e confere a Paulo a habilidade de um orador judeu da diáspora<sup>27</sup>. O prólogo do seu Evangelho por exemplo (Lc1, 1-4) constitui um notável exemplo literário. Um outro exemplo é o discurso de Paulo em Atenas (At 17, 22-34, que parece procurar manifestar ao leitor que o diálogo entre cristianismo e a cultura grega é possível.

Um dado interessante é o facto de o autor lucano nos dar a conhecer um total de 942 palavras completamente novas no *corpus* do Novo Testamento, chamadas “*hapaxlegomenas*” presentes entres os discursos; cartas ou orações, vistas na narrativa<sup>28</sup>. A língua é sem dúvida, um instrumento, uma ferramenta estratégica de comunicação, que o escritor usa com o objetivo de passar uma mensagem, fazendo com que os leitores e todos aqueles que entrarem em contacto com o texto, tenham a possibilidade de

---

<sup>26</sup> Cf. J. Auneau – F. Bovon – E. Charpentier – M. Gourgues – J. Radermakers, *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos* (S. Paulo; Edições Paulinas; 1985), 212.

<sup>27</sup> Cf. J. Auneau et. al., *Evangelhos sinóticos*, 213.

<sup>28</sup> Cf. C. Langner, *Evangelio de Lucas - Hechos de los Apóstoles. Biblioteca Bíblica Básica* (Estella, Navarra, 2013), 34: *...la selección de palabras, la construcción y la composición de frases nos delata algo sobre el autor: su estilo culto lo prueba como hombre ilustrado y erudito. Los discursos que pronuncian Jesús y los testigos demuestran la formación retórica de Lucas.*

experimentar diversos sentimentos, deixando-se inspirar pelo texto. Portanto, a linguagem é este instrumento com o qual o autor do Livro dos Atos procura construir uma narrativa com um estilo único, o que o torna singular. Contudo, Lucas constrói toda uma linguagem literária a volta de uma estratégia narrativa que esteja ao serviço da fé, pois, como autor, diz D. Marguerat ele pretendia contar a história sobre o nascimento da Igreja primitiva, numa perspectiva de fé, que é animada pelo Espírito Santo e pela certeza da presença Divina”<sup>29</sup>.

### 1.2.3. Cadeias narrativas

O modo como as sequências narrativas são desenvolvidas nos Atos, representam a própria intencionalidade do autor; pois não se trata de factos ou acontecimentos ocasionais, mas histórias que aconteceram e se cumpriram segundo o desígnio de Deus. A obra de Lucas articula “a Palavra” e “as testemunhas”, ou seja, a “Pessoa de Jesus” como centrais do seu texto de Evangelho e “as testemunhas” da Palavra como centro dos acontecimentos narrados no Livro dos Atos. Esta sequência narrativa tem a sua importância na medida em que permite ao leitor um envolvimento na trama de maneira significativa, identificando-se com as personagens que intervêm na história<sup>30</sup>.

Lucas divide em dois a sua obra - Evangelhos e Atos – formando uma unidade literária narrativa. Na história da investigação e crítica literária, indagou-se se ele teria começado por escrever o Livro dos Atos, sem referências ou modelos, porém pela investigação recente, há informações de que a obra lucana, teria sofrido influências da cultura e da historiografia helenista judaica, no seu modo de construir a narrativa, onde Deus faz parte das alegrias e das tristezas de um pequeno povo<sup>31</sup>.

Portanto, a preocupação de Lucas não é unicamente histórica no sentido ‘lato’ da palavra, trata-se sobretudo de uma preocupação teológica no dispor dos factos. Lucas pretende demonstrar a respeitabilidade do caminho, ou seja, da mensagem cristã e da Igreja; dando a conhecer a exigência da missão, assinalando nela os atos, gestos e peripécias da comunidade primitiva, que na linguagem de D. Marguerat é a história da

---

<sup>29</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 285.

<sup>30</sup> Cf. C. Langner, *Evangelio de Lucas - Hechos de los Apóstoles*, 37.

<sup>31</sup> D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 21: *Luke understands history as a theologian, that is, as a time that belongs in advance to God. We must resist the temptation to turn the author of Acts into a Christian Thucydides; he is closer in thought to a Flavius Josephus or the authors of the books of Maccabees.*

comunidade apostólica, antecedida pela narração da história de Jesus. Porém, estes elementos parecem implícitos em Lucas, pois, no texto não há informação clara como tal. Ele faz com que as suas personagens o digam e o sugiram pela organização da cadeia narrativa<sup>32</sup>, e a disposição da própria estrutura literária. F. Bovon situa-se nesta linha ao afirmar que Lucas não inventa os seus discursos, nem os acontecimentos, apesar da preocupação de historiador, dispõe, entretanto, de um conjunto de táticas necessárias à sua convicção de crente, de teólogo e apologista. Diante disto, sobressai um paradigma teológico que terá conduzido o projeto lucano no Livro dos Atos: a revelação de Deus não se limita à vida de Jesus Cristo, mas encontra a sua continuidade na vida daqueles que o testemunham.

#### **1.2.4. Repetições de episódios e cenários**

Uma outra estratégia literária referida por D. Marguerat é o da repetição. Vemos no decorrer da narrativa, que o autor repete alguns episódios ou acontecimentos, dando-lhes ênfase e um certo protagonismo. Trata-se de repetições que refletem uma intencionalidade por parte de quem os narra. Um episódio paradigmático neste sentido, é o relato da vocação de Paulo que encontramos descrito em três versões. A primeira está no capítulo 9; a segunda no capítulo 22 e a última no capítulo 26. Temos ainda a conversão de Cornélio narrada em dois momentos: At 10, 1-11 e At 11. Por outro lado, os discursos de Paulo, no entender de D. Marguerat, seguem uma única linha temática. É importante referir que não se trata de meras repetições, mas um mecanismo literário e intencional que procura sublinhar a importância da construção de alguns traços característicos que fazem parte da comunidade cristã. Assim, o relato sobre a conversão de Cornélio, tende a sublinhar o facto de como Deus procura estar próximo de cada ser humano e deixar de maneira evidente, como era vontade de Deus conceder o batismo aos não judeus; o apóstolo Pedro será um dos primeiros a defender este princípio na Assembleia de Jerusalém, em Atos 15.

Portanto, as repetições integram uma estratégia literária que coloca em evidência o acontecimento, a personagem e/ou as suas palavras dispostas na narrativa em função de algo que se pretende transmitir. Este elemento da repetição é importante porque também

---

<sup>32</sup> Cf. J. Auneau et. al., *Evangelhos sinóticos*, 271.

serve como justificação do facto da Igreja de predominância pagã poder legitimamente proclamar-se herdeira das promessas judaicas por intermédio do Messias judeu.

### 1.2.5. Syncrisis

A syncrisis é uma outra estratégia literária que revela uma disposição simétrica de diversas situações ou personagens, pelas quais as relações são estabelecidas entre diferentes elementos do texto<sup>33</sup>. Neste sentido, é interessante acompanhar a maneira como Lucas trabalhar as personagens que intervêm na narrativa do Atos<sup>34</sup>. Sobressaem as figuras centrais de Pedro e de Paulo como paradigmas que colocadas em paralelo, formam um quadro díptico. Ambas as narrativas, se entrelaçam de diversas formas, apresentando complementaridade e diversidade. No terceiro capítulo dos Atos, Lucas apresenta o discurso de Pedro em Jerusalém (At 3, 12-26) e a seguir no capítulo 13, temos o discurso de Paulo em Antioquia da Pisídia (At 13, 16-41). Trata-se de dois episódios que estão inseridos nos objetivos teológicos e missionários que o autor tem a vista. Ambos os relatos, se enquadram na intencionalidade de integração: Pedro em Jerusalém, representando os inícios da comunidade cristã; Paulo em Antioquia, representando a expansão e o ideal da universalidade de uma Igreja que não se fecha em si mesma.

Por fim, este mecanismo técnico-literário, é um indicador importante para descobrir as estratégias utilizadas pelo autor a fim de consolidar o seu projeto. Vistas sobre uma única perspectiva, as personagens carregam em si um elemento comum que o autor procura sublinhar. Entre a figura de Jesus e Pedro, por exemplo, é o facto de ambos terem operado a ressurreição dos mortos (cf. Lc 7, 11-17; At 9, 36-43); curas milagrosas através de gestos, palavras e ações (cf. Lc 13, 10-17; 14, 1-6; 17, 11-19; At 5, 12-16) entre pregações e sinais prodigiosos da graça divina. Entretanto, são técnicas que visam demonstrar a linha de continuidade e unidade do plano salvífico manifestado na vida de Jesus Cristo, continuado na vida de suas testemunhas ao longo da história.

Para concluir neste ponto, podemos dizer que syncrisis, trata-se de uma estratégia narrativa usada por Lucas, no qual as personagens Pedro, Paulo, Estevão entre outros,

---

<sup>33</sup> Pontifícia Comissão Bíblica – Interpretação da Bíblia na Igreja n. 45.

<sup>34</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 66: the curious construction of certain characters in the book of Acts provides a first indication, perhaps the most evident one of a desired linkage between Judaism and paganism. Luke, in effect, has meticulously composed the cultural and religious profile of a few key characters among the agents of the Christian mission.

são relacionados de forma paralela à pessoa, vida e missão de Jesus, respeitando as características individuais de cada personagem interveniente na narrativa. O quadro a seguir tenta ilustrar esta realidade, colocando em sobreposição Jesus-Pedro-Paulo:

<b>Acontecimento/facto</b>	<b>Jesus</b>	<b>Pedro</b>	<b>Paulo</b>
Curas e milagres	Lc 5, 18-25	At 3, 1-8	At 14, 8-10
Visão extática no batismo ou início do ministério	Lc 3, 21-22	At 10, 11-16	At 9, 3-9
Anúncios	Lc 2, 25-32; 4, 18-21	At 2, 22-24;	At 13, 23-24
Hostilidade por parte dos judeus	Lc 4, 28-30; Lc 19, 41-44	At 4, 1-3; At 17-18	At 13, 44-45; At 18, 12-17
Sofrimentos e ameaças de morte	Lc 18, 1-25; At 13, 31-35;	Act 12	At 21, 26
Ressurreição ou Libertação	Lc 24 1-12	At 12, 6-17	At 24, 24-28

Outro exemplo deste paralelismo é o martírio de Estevão, descrito de forma semelhante ao processo da morte de Jesus (Lc 23, 1-54; At 23, 34-46) e por fim, ainda há a última viagem de Paulo para Jerusalém que lembra a viagem de Jesus para a mesma cidade (Lc 9, 51-56; At 21; 23).

### **1.2.6. Discursos**

Os discursos presentes nos Atos também fazem parte deste conjunto de estratégias literárias a que o autor recorre. São instrumentos dispostos na narrativa com uma finalidade bem-intencionada e não de maneira aleatória. A narrativa dos Atos é composta por quase um terço de discursos e de forma muito variada, estes entendidos como diálogo ou fala de alguém. Porém, aqui são limitados aqueles que são proferidos por uma só pessoa, sem incluir frases ou formas de diálogo. J. Fitzmyer classifica os discursos da seguinte maneira: discursos missionários dirigidos aos judeus (2,14b-36,38-39; 3, 12b-26; 4, 8b-12; 5, 29b 32; 10, 34b-43; 13, 16b- 41 ); outros em forma de sermões de evangelização dirigidos aos gentios (14, 15-17; 17, 22-31); uma acusação

profética (discurso de Estêvão: 7, 2-53); discursos didáticos (15, 7b-11; 15, 13b-21); discursos de apologia ou defesa (22, 1.3-21; 26, 2-23.25-27.29) e outros ainda em forma de debate (24, 2b-8.10b-21)<sup>35</sup>.

Alguns destes discursos, sobretudo o de Pedro nos primeiros capítulos, constituíram-se nos bons modelos de *querygma* da comunidade primitiva, na forma como os apóstolos proclamaram o acontecimento de Cristo nos inícios desta nova religião, assegura J. Fitzmayer. Os discursos na historiografia antiga e particularmente na narrativa de Lucas servem de um dispositivo teológico (ou ideológico) e uma técnica literária para alcançar um certo objetivo. Neste sentido, o discurso de Paulo à multidão de Jerusalém (At 22) explica a missão cristã junto dos gentios; o sermão de Pedro na casa de Cornélio (At 10, 34-43) tende a esclarecer que o próprio Deus ordenou a missão junto dos judeus e por outro lado, o discurso de Paulo no areópago (At 17, 22-34) revela como o cristianismo é capaz de dialogar com outras culturas, neste caso, o pensamento grego. Os discursos enquanto elemento literário, tem a função de esclarecer, exortar, corrigir e até mesmo preparar os ouvintes para um acontecimento importante. Para além, de uma função informativa, os discursos dos Atos, têm também uma função performativa, no sentido de fazer gerar uma nova mentalidade, um novo pensamento no seio da Igreja primitiva.

### **1.3. Estratégias de Leitura**

As estratégias de leituras sublinham a intenção teológica que orientou o autor do Atos, na construção da narrativa. Portanto, é no projeto teológico que nos deteremos brevemente nos pontos seguintes.

Muitos estudiosos do livro dos Atos, entendem que para chegar à teologia que o autor plasmou na sua obra, é necessário seguir o itinerário que ele mesmo impôs na narrativa. Lucas não desenvolveu uma teologia sistemática aprofundada, o que implica a necessidade de mergulhar nas encruzilhadas das histórias narradas para a partir delas alcançar o seu pensamento. Autores como R. Monasterio e A. Carmona defendem que o grande projeto teológico de Lucas está fundamentado no caminho profético e salvífico programado e dirigido por Deus Pai, que oferece a salvação, através do Espírito Santo e

---

<sup>35</sup> Joseph Fitzmyer, *Los Hechos De Los Apóstoles – Traducción, Introducción y Comentario* (1, 1-8, 40) (Salamanca, 2003), 162.

dos profetas do Antigo Testamento, Jesus-Profeta e a Igreja-Povo de Profetas”<sup>36</sup>. Assim, neste projeto paradigmático sobressaem duas temáticas principais: a salvação e a alegria. Porém, para D. Marguerat o grande projeto teológico dos Atos, enquadra-se na categoria historiográfica voltado para a apologética, no sentido de que permite à própria comunidade cristã primitiva compreender e falar de si mesma<sup>37</sup>.

Trata-se de uma intenção teológica iniciada no evangelho lucano, de um Deus que se revela em Jesus, mas que encontra a sua continuidade na vida daqueles que o testemunham. Neste sentido, na perspectiva de D. Marguerat, a teologia de Lucas é fundamentada e construída a partir dos seguintes pontos importantes<sup>38</sup>:

- I. *O Mundo* é o lugar da história, para o autor dos Atos. É o espaço privilegiado de encontro entre o humano e o divino. No meio ao sofrimento e as dificuldades do tempo, Lucas não deixa de se referir a presença de Deus na história dos homens.
- II. *A Ressurreição* é a chave de releitura de toda narrativa. Assim acontece para a compreensão do evento de Pentecostes; os milagres de cura; as pregações etc.;
- III. *Continuidade* de uma mesma e única História de Salvação: Deus revelado em Jesus Cristo não é outro senão o Deus dos nossos Pais; o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob (3. 13; 7. 2-50) assim como o Deus que a envia, ilumina e acompanha a vida e missão das testemunhas (Apóstolos). Portanto, o Deus de Israel é o Deus de todos e para todos.
- IV. *A teologia da Palavra* plasma toda narrativa de Lucas. O ‘*Logos*’ é a Palavra de Deus encarnada (Jesus Cristo) e anunciado pelos seus discípulos. No Pentecostes (2, 1-36), o Espírito Santo encarrega-se de criar as condições para a expansão da Palavra. Assim, o crescimento da Palavra é co-extensivo com o da Igreja. E por fim, os crentes para Lucas são definidos pela sua aceitação da Palavra (8, 14; 11. 1, 17) e são chamados os «ouvintes da Palavra».

---

<sup>36</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 322.

<sup>37</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 34.

<sup>38</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 34-42.

## CAPÍTULO II - TEXTOS E RESPECTIVAS LEITURAS

Nesta segunda parte do trabalho, o nosso estudo centra-se nalgumas passagens bíblicas do Livro dos Atos dos Apóstolos, como exemplificação prática das estratégias literárias aplicadas pelo autor lucano ao longo da sua narrativa. Neste sentido, debruçar-nos-emos fundamentalmente em três textos: o encontro de Pedro e Cornélio (At 10); a presença de Pedro na assembleia de Jerusalém (At 15) e, posteriormente, a pessoa e a ação de Paulo (At 22; 26; 28).

### 2.1. Pedro e Cornélio (At 10): abertura ao mundo pagão

Embora o propósito da obra lucana pareça diversificado, muitos exegetas creem que a maior preocupação de Lucas era uma questão pastoral, uma vez que ele deseja que o seu leitor compreenda que a missão de Jesus Cristo é sobretudo a expansão da sua mensagem, através da sua Igreja e que por isso constitui apóstolos<sup>39</sup> e os envia em missão<sup>40</sup>. Uma análise dos Atos 10, tornará evidente esta preocupação de Lucas em demonstrar como esta boa-nova se expande além-fronteiras, através da comunidade primitiva, na abertura ao mundo pagão. Esta narrativa dos Atos desenrola-se no quadro da expansão do cristianismo e introduz-nos na relevância da universalidade da mensagem cristã, que quebra fronteiras étnicas e culturais para chegar a todos. Para o nosso estudo, consideramos fundamentalmente dois momentos importantes. O primeiro, refere-se ao discurso de Pedro (34-43), que na narrativa surge depois da visão de Cornélio e de Pedro, no qual o anjo lhes dá indicações do caminho a seguir; posteriormente, num segundo momento, procuramos sublinhar neste episódio, o batismo dos primeiros pagãos (44-48), que se enquadra entre o discurso de Pedro e justificação do seu procedimento diante da assembleia.

#### 2.1.1. Discurso de Pedro (10, 34-43)

Para J. Kurzinger, Lucas propõe a pregação de Pedro na casa de Cornélio como uma formulação sintética da fé cristã, demonstrando com precisão a centralidade

---

<sup>39</sup> Cf. Mt 4, 19; 28, 19-20; Lc 6, 12-16; 9, 1-6; Mc 3, 13-14; Jo 15, 16.

<sup>40</sup> Cf. Mt 10, 7-8; Mc 6, 12; Lc 24, 46-48; At 1, 8; 2, 42; Ef 2, 19-20.

querygmática da salvação diante de ouvintes não judeus. É praticamente um modelo de pregação apostólica que depois de uma afirmação sobre o sentido da vinda de Cristo Jesus, o discurso evoca as etapas do seu ministério com referência à morte (v. 39), à ressurreição (v. 40), às aparições (v. 41) e à missão confiada aos apóstolos (v. 42), encerra o discurso com apelo a fé assegurada pelo testemunho dos profetas (v. 43).

As primeiras palavras vindas da boca de Pedro são de grande relevância neste contexto de inclusão e integração, na medida em que estas eliminam de antemão qualquer tipo de preconceitos raciais ou religiosos: *Reconheço que Deus não faz aceção de pessoas, mas que, em qualquer povo, quem o teme e põe em prática a justiça, lhe é agradável* (v.33).

Esta até pode parecer uma verdade comum, mas, para Pedro, constitui uma verdade profundamente revolucionária. Nas palavras de J. Kurzinger, o “apóstolo fala como representante de Jesus Cristo, Senhor do Universo e mostra o caminho para a salvação voltando-se fielmente para a pessoa de Jesus”<sup>41</sup>, uma vez que, esta verdade, vem por meio de uma revelação divina (cf. At 10, 9-33). Por outro lado, sendo o próprio Lucas um gentio de nascimento, observa Bruce<sup>42</sup>, tinha bons motivos para enfatizar a referência à entrada dos gentios na comunidade cristã. A mensagem de salvação é dirigida a todas as pessoas sem exceção, porque Jesus é Senhor de todos.

O caminho da salvação de Deus está aberto a todos e é, de facto, a Pessoa de Jesus Cristo, cuja obra e missão se estende muito para além das estreitas fronteiras de Israel. Assim, o conceito de universalidade neste episódio é importante, uma vez que sugere, claramente, o cuidado que Pedro tem em apresentar a imagem de Jesus que nos conduz a este pensamento: *Ele é o Senhor de todos* (v. 36), um ‘todos’ que exprime, evidentemente, a universalidade. No final do discurso, Pedro faz referência ao juízo final: *(...) quem acredita nele recebe, pelo seu nome, a remissão dos pecados* (v. 43). A salvação vem pelo poder da fé em Jesus Cristo, que concede a “remissão dos pecados” a todos os que creem no seu nome, isto é, em comunhão com Ele alicerçada na fé.

### **2.1.2. Batismo dos pagãos (10, 44-48)**

---

<sup>41</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje - Comentario para la Lectura Espiritual - Los hechos de los apóstoles tomo primero* (Barcelona, 1974) 287.

<sup>42</sup> F. F. Bruce, *Hechos de los Apóstoles Introducción, Comentarios y notas* (Buenos Aires, Argentina: Nueva Creación; Grand Rapids, MI: Eerdmans 1998).

Fica evidente que quando Cornélio e os outros gentios ouviram aquelas últimas palavras do discurso de Pedro, (...) *quem acredita nele recebe, pelo seu nome, a remissão dos pecados (v.43)*, acreditaram e corresponderam rapidamente com fé. Como resposta imediata a esta fé, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviram a mensagem. Assim, escreve Kurzinger, “em Cesareia na casa do centurião Cornélio, realiza-se um novo Pentecostes, como sinal de um novo começo”<sup>43</sup>. É a obra da salvação que se abre no seio do mundo pagão. A fé salvadora é o resultado da presença do Espírito Santo (cf. Rm 8, 9; 1Cor 12, 13), e os incrédulos são caracterizados por “não possuírem o Espírito” (cf. Jd 19).

A descida do Espírito Santo, enquanto Pedro ainda estava a falar (v. 44), manifesta que a iniciativa de um acontecimento tão importante pertence a Deus. Só se compreende o decurso dos acontecimentos a partir de Deus. Sem dúvida, que o acontecimento gerou surpresa por parte dos presentes, como o autor descreve nos versículos seguintes (vv.45-46), mas que para Pedro não teria sido surpresa, pois já tinha presenciado acontecimento semelhante (cf. At 2). Porém, para uma grande maioria que tinham vindo com Pedro, ficaram admirados e surpreendidos ao ver que o dom do Espírito também foi derramado sobre os gentios. O facto de a Igreja não ser apenas exclusivamente judaica, deve tê-los surpreendido, numa época em que o judaísmo imperava.

No contexto da história da salvação, observa J. Kurzinger, o significado deste grande acontecimento em Cesareia, semelhante ao dia de Pentecostes, consiste fundamentalmente na função de sinal, que para Pedro e para a Igreja primitiva indicava que, de facto, este era o caminho certo a seguir, quando se deu o encontro com Cornélio, centurião pagão em Cesareia. Por outro lado, Pedro reconhece o sinal de Deus nestes factos. Pedro, afirma J. Kurzinger “foi retirado por etapas do encolhimento do modo de pensar judaico, distinguir agora claramente, em vista deste novo acontecimento de Pentecostes, o caminho livre de salvação para todos os homens. uma vez que o próprio deus concedeu o batismo do Espírito, a Igreja não tem o direito de negar o batismo nas águas<sup>44</sup>.

Este acontecimento ajuda-nos a compreender quanto a presença do Espírito é essencial para a vida cristã. Não pode haver cristão sem o Espírito Santo. Ele é quem dá o poder para testemunhar (cf. At 1, 8) e orar (cf. Rom 8, 26). É através da sua ação que vem a garantia da salvação (cf. Rom 8, 16), uma vez que por meio d’Ele os crentes são

---

<sup>43</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, 291.

<sup>44</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, 293.

“marcados para o dia da redenção” (cf. Ef 4, 30). Por fim, Ele “é o penhor da nossa herança” (cf. Ef 1, 14) e também o nosso mestre (cf. 1 Jo 2, 27).

A passagem dos Atos 10, 44-48, demonstra claramente como também o Espírito habita entre os gentios. A descida do Espírito Santo sobre os gentios é sinal evidente da eleição e da decisão de Deus: o evangelho do Reino de Deus é também para os gentios, pois fazem parte do plano salvífico de Deus. Por isso mesmo, Pedro compreende o sinal e ordena o batismo em nome de Jesus Cristo (v.48). E por fim, o facto de Pedro permanecer na casa do centurião Cornélio sublinha, mais uma vez, que a separação entre judeus e pagãos já não faz sentido, pois que Jesus veio por todos e para todos.

## **2.2. Concílio” de Jerusalém (At 15): continuidade e descontinuidade**

A narrativa dos Atos 15 constitui sem dúvida, o capítulo mais importante ao longo de toda narrativa do Livro dos Atos dos Apóstolos. Considerada como o clímax de toda história narrada no livro, marca o ponto central, em torno do qual se desenvolve toda narrativa lucana nos Atos dos Apóstolos. Nele são levantadas questões importantes e que determinam o desenrolar da história: como é o caso da continuidade ou não de algumas práticas judaicas, vividas pela comunidade primitiva. É a partir daqui que se começa de alguma forma a desenhar aquilo que é realmente parte do cristianismo ou não; é a identidade cristã nos inícios da sua construção distanciando-se do judaísmo, porém sem perder a sua essência. Assim escreve B. Witherington: “Aqui tem de ser resolvida a questão de saber o que é que constitui o povo de Deus e como deve ser tratada a principal divisão étnica na Igreja (judeus/gentios), de modo que ambos os grupos possam ser incluídos no único povo de Deus sem distinção, na comunhão de uma Igreja una. Lucas quer demonstrar que as divisões étnicas podem ser e foram ultrapassadas, apesar da objeção de cristãos fariseus e muitos conservadores<sup>45</sup>”.

Atos 15 apresenta a narrativa do “Concílio” de Jerusalém, o qual tem sido objeto de muitas discussões entres os exegetas. O episódio abre-nos a muitas temáticas, tais como: os gentios devem ou não ignorar a Lei? De que modo se pode estabelecer a comunhão entre cristãos judeus e cristãos gentios, uma vez que uns conservam a lei e outros não? E como é que estes dois grupos podem coexistir?

---

<sup>45</sup> Cf. Ben Witherington, *The Acts of The Apostles – A Socio-Rhetorical Commentary* (William B. Eerdmans Publishing Company; Cambridge, U.K, 1998), 439.

Atos 15 conclui a introdução da apresentação da Boa Nova aos gentios, que teve início em Atos 10), marcando deste modo uma mudança significativa do cristianismo primitivo que se abre aos gentios. Por outro lado, a partir dos Atos 15, a preocupação com o judeu-cristianismo, focado fundamentalmente em Jerusalém, muda de direção, e as missões de Paulo aos gentios assumem o desfecho da narrativa do Atos até Roma. Contudo, a referência a Jerusalém não é uma mera coincidência, pois que os comentários introdutórios de Lucas sobre o mandato apostólico de testemunhar (cf. *ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo* At 1, 8), colocam Jerusalém numa posição central em relação ao Evangelho. O facto de se dirigirem a Jerusalém é um sinal, escreve J. Kurzinger, de reconhecimento da autoridade da Igreja de Jerusalém, a qual representava um espaço de diálogo para a solução do problema<sup>46</sup>. Neste sentido, teológica e espacialmente, Jerusalém é fundamental para a compressão dos Atos.

O relato dos Atos 15, pode comparar-se com Gálatas 1-2, que na perspectiva de Witherington, as razões deste paralelismo podem ser resumidas da seguinte forma: (1) ambos os acontecimentos tiveram lugar em Jerusalém; (2) ambos os eventos têm as mesmas pessoas envolvidas; (3) ambos os acontecimentos tratam do mesmo assunto; (4) o ajustamento cronológico é bom, mesmo que Paulo quisesse dizer que foi dezassete anos depois da sua conversão que subiu novamente a Jerusalém, isso ainda pode ser adequado antes da visita de Paulo a Corinto em 50-51 d.C., (5) tanto Atos 15 como Gálatas 2 têm o mesmo resultado – não é exigida qualquer circuncisão aos gentios convertidos ao cristianismo; (6) o problema em ambos os casos é “interno”.<sup>47</sup>

Em Jerusalém a comunidade cristã dominada ainda pela grande influência judaica, procura construir a sua própria identidade. As controvérsias sobre a Lei de Moisés, que gera o conflito entre os judeus convertidos ao cristianismo e os gentios, dá origem ao concílio como caminho para o diálogo e posterior solução do problema vivido no seio da comunidade primitiva.

---

<sup>46</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, 52.

<sup>47</sup> Cf. Ben Witherington, *The Acts of The Apostles*, 440.

### 2.2.1. Palavra de Pedro (15, 7-12)

Pedro, um dos pilares da Igreja de Jerusalém, ao tomar a palavra diante das objeções, atribui a Deus a iniciativa de acolher o homem romano pagão e ser incorporado na comunidade como batizado (cf. At 15, 7-9). Pedro assumiu o papel de portador do Evangelho aos gentios e neste contexto da narrativa tem uma presença profundamente significativa. É o porta-voz primário. Para o apóstolo Pedro, “o sinal do Espírito Santo que desceu sobre os gentios (cf. At 10, 44-48) foi decisivo na decisão de incorporar Cornélio e o seu círculo, através do batismo, na comunidade crista”<sup>48</sup>. E por fim, toma uma posição em relação à problemática em questão, que posteriormente será seguida por muitos: «*a salvação pela graça de Deus*».

### 2.2.2. Palavra de Tiago (15, 13-21)

Tiago representa também uma voz crítica neste episódio. Lucas coloca diretamente o discurso de Tiago sem uma breve introdução, isto para Robert Tannehil indica que talvez este já fosse uma figura muito bem conhecida no seio comunidade. Vemos em Gálatas 2, 9, uma pequena descrição e Paulo da Igreja de Jerusalém, na qual Tiago era considerado pilar. Assim, segundo a crítica narrativa, na narrativa do concílio, Pedro representou a voz dos apóstolos, ao passo que Tiago representou o grupo de anciãos na assembleia (cf. At 15, 6). Para J. Kürzinger, Tiago tinha “uma posição de líder na comunidade, ligado à ordem de vida judaica, pela qual teve especial prestígio para o sector conservador da Igreja judaico-cristã”<sup>49</sup>. Em contrapartida, o facto de ter tido a última palavra na discussão, não faz dele o verdadeiro cabeça da Igreja, a quem, Pedro teria confiado a liderança.

O discurso de Tiago, mostra duas características bem evidentes. A primeira, segundo R. Tannehill, “Tiago utiliza o nome semítico para Pedro, Simeão. Este pormenor identifica Tiago como parte da língua aramaica da Igreja”<sup>50</sup>. Desta forma, a voz mais definitiva nos procedimentos do conselho é judaica, como todos os personagens falantes do conselho. Em segundo lugar, sob este ponto de vista, os gentios

---

<sup>48</sup> Cf. Ben Witherington, *The Acts of The Apostles*, 53.

<sup>49</sup> Cf. Ben Witherington, *The Acts of The Apostles*, 54.

<sup>50</sup> Cf. R. Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts*, 186.

são caracterizados como um povo tomado por Deus “para si mesmo”. Colocando-os na categoria dos escolhidos por Deus. Todavia, para esta narrativa do primeiro concílio da Igreja é importante salientar, que não é só Pedro, mas também Tiago, homem fiel à lei, defende o princípio da missão aos gentios independentes. É evidente que Lucas enquanto autor, ao narrar esta história tinha maior interesse em fazer com que discurso de Tiago se pareça mais próximo com o de Pedro. E por isso, a posição final em relação ao debate é semelhante ao de Pedro: *a salvação pela graça, comunhão à mesa evitando a idolatria*.

### 2.2.3. Última palavra (15, 22-29)

Embora a palavra conclusiva (cf. At 15, 22-29) já esteja explícita tanto no discurso de Pedro quanto no discurso de Tiago, tentaremos na medida do possível, elaborar uma síntese das discussões deste concílio de Jerusalém, que resulta no que por muitos é designado de “Decreto ou Carta Apostólica”, que ao longo dos tempos “se tornou o arquétipo de todos os decretos ou declarações oficiais de Igreja”<sup>51</sup>. É na verdade, um modelo para lidar com contradições interna na Igreja e promover de certo modo um caminho de resolução. O processo de tomada de decisão praticado neste contexto, destaca a importância do diálogo, da discussão e da oração a fim de chegar a um consenso no qual toda a comunidade se possa apoiar. Tiago na sua intervenção, conclui dizendo: *“não se devem importunar os pagãos convertidos a Deus”* (cf. At 15, 19). Uma decisão em que todos ficaram de acordo e por isso, logo foi redigida uma carta às outras comunidades no sentido de explicar e esclarecer a sua fundamentação, como vemos em Atos 15, 22-29.

Assim sendo, o concílio entendeu que os cristãos não judeus não precisam de praticar estritamente às Leis de Moisés para serem verdadeiros cristãos. O fundamento disto é o facto de Jesus Cristo constituir agora na Nova Aliança o fundamento da Lei. Deus deu a Torá ao povo de Israel como uma aliança. Porém, Jesus Cristo é a plenitude da lei com a sua morte e ressurreição. Neste sentido, os cristãos não precisam de obedecer à lei para obterem a salvação. E por outro lado, a fé em Cristo Jesus é o único requisito para a salvação, que é dom de Deus dado aos homens que acreditam em Jesus

---

<sup>51</sup> Cf. Ben Witherington, *The Acts of The Apostles*, 56.

Cristo. Somente a lei em si mesma não pode salvar os homens. E, por outro lado, o cristianismo é universal na sua essência, não é apenas para os judeus, mas para todos, incluindo os gentios.

No entanto, para se chegar esta decisão final, muitos aspetos estavam envolvidos no processo. O primeiro refere-se à participação da comunidade. Em Atos 15, Lucas mostra-nos como as questões enfrentadas pela comunidade primitiva eram resolvidas com base no diálogo, envolvendo tanto os apóstolos e os anciãos como toda a Igreja. Estes são os métodos de tomada de decisões que refletiam os padrões de vida judaicos e helenísticos primitivos que evidenciavam a comunhão<sup>52</sup>. Um segundo aspeto diz respeito a ouvir várias perspetivas. As decisões são tomadas após ouvir diversas opiniões sobre o mesmo assunto. Assim, em Jerusalém antes de chegar a um consenso, primeiro ouviram-se declarações dos apóstolos Pedro, Paulo e Barnabé e seguidamente de Tiago que na narrativa é visto como o mediador. O terceiro trata-se de acordo mútuo, ou seja, as decisões são tomadas a partir de um consenso, o que reflete o valor da comunidade na participação das discussões, refletido na expressão: *O Espírito Santo e nós próprios resolvemos...* (At 15, 28). E, finalmente, um quarto aspeto deste processo refere-se a liderança que se coloca ao serviço. A comunidade primitiva demonstrou um modelo de liderança pelo serviço, no qual os líderes não impunham a sua vontade, mas antes procuravam a vontade divina através da escuta mútua na partilha da verdade.

Portanto, do ponto de vista teológico, o caminho feito até esta última palavra do concílio, reflete sobretudo o respeito pela tradição judaica, reconhecendo em todo processo a intervenção do Espírito Santo. Isto leva a consideração que é pela graça do Senhor que a salvação chega a cada ser humano através da fé em Jesus Cristo (cf At 15, 11), independentemente da sua origem étnica cultural ou geográfica. Para J. Kurzinger, a partir deste decreto do Concílio, no qual é atribuído em primeiro lugar como obra do Espírito Santo, é revelada uma característica da conceção que a Igreja primitiva tinha de si mesma. “Que mais do que uma entidade legalmente estruturada, quer ser uma comunidade que vive do mistério, da “força do Espírito”, como o Ressuscitado lhe assegurou (cf. At 1, 8)”<sup>53</sup>. Somente em estreita união com o Espírito, é que o Senhor glorificado se faz presente na comunidade e os titulares da autoridade recebem o seu direito, a sua legitimidade e a sua eficácia.

---

<sup>52</sup> Cf. Ben Witherington, *The Acts of The Apostles*, 450.

<sup>53</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, 62.

As conclusões do concílio, tiveram um impacto muito significativo na expansão do cristianismo, abrindo caminho para o seu crescimento e desenvolvimento além-fronteiras. A partir do Concílio o anúncio da Boa Nova aos gentios deu-se de uma forma mais determinada e apaixonante, sobretudo com Paulo (cf. At 16), que a seguir abordaremos sobre a sua figura no contexto da narrativa lucana.

### **2.3. Figura de Paulo (At 22-26) – do judaísmo ao cristianismo**

A figura do apóstolo Paulo no livro dos Atos é fundamental para a compreensão do cristianismo primitivo, sobretudo na expansão da Boa-Nova e a construção de uma identidade cristã. Na narrativa dos Atos, o apóstolo Paulo representa a ponte entre o judaísmo e o cristianismo emergente, a universalidade do Evangelho e a personificação do compromisso com missão entre os gentios. Para D. Marguerat, “Lucas prevê um cristianismo que reúne o melhor que o judaísmo e o paganismo helenístico têm para oferecer”<sup>54</sup>. Neste sentido, a figura de Paulo é um personagem importante por estar relacionado com o judaísmo e ao mesmo tempo ser o protagonista da missão entre os gentios, ampliando deste modo a universalidade do cristianismo.

Porém, é importante perceber que Lucas não narra a história de Paulo em sentido estrito, mas relata os inícios da primeira comunidade cristã e conseqüentemente os seus protagonistas, que entre os quais há o apóstolo Paulo. E por isso, com muita razão, não se pode esperar dos Atos um compêndio exaustivo e explícito da historiografia ou teologia paulina, embora haja alguns elementos importantes para este efeito. O autor dos Atos, “retrata Paulo como um missionário e teólogo, ao menos nos seus discursos, consideradas composições autorais e que, segundo métodos literários antigos tinha significado deliberativo e pragmático”<sup>55</sup>. R. Monasterio e A. Carmona afirmam que a forma como Lucas apresenta a teologia de Paulo revelará não só a sua compreensão de Paulo, mas também indicará se ele e Paulo pertencem ao mesmo círculo teológico. Lucas não tem intenção de reportar uma história completa de Paulo, mas sim, “preservar a sua memória, destacando o papel que este desempenhou no nascimento do cristianismo”<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 76.

<sup>55</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 355.

<sup>56</sup> Cf. D. Marguerat, *Introducción Al Nuevo Testamento*, 121.

É notável a diferença entre o retrato de Paulo desenhado por Lucas nos Atos e as declarações do apóstolo nas suas cartas. D. Marguerat aponta uns seis pontos essenciais no qual esta diferença é notável, são eles:

- *La asamblea de Jerusalén:* Pablo en Ga 2,1-10 rechaza toda concesión por su parte y afirma que su misión fue convalida por Jerusalén, con la colecta en favor de los pobres como sello de este acuerdo ecuménico; Lucas habla, en cambio, de una mínima prescripción de normas alimentarias impuestas a los paganos (Hch 15,20.29).
- *La circuncisión:* Pablo se indigna por el retorno de los gálatas a la circuncisión, que a su juicio arruina el evangelio de la gracia (Ga 5,1-12; 6,12-15); Hch 16,3 menciona que Pablo circuncida a Timoteo «por causa de los judíos»
- *El pasado precristiano de Pablo:* el apóstol reniega de su piedad legal farisea del modo más absoluto (Flp 3,7s), mientras que el Pablo de Lucas exclama ante el sanedrín: «soy fariseo, hijo de fariseos» (Hch 22,6).
- *La Ley:* el conflicto fundamental entre Pablo y el judaísmo se concentra en la interpretación de la Torá y en el valor salvífico de su observancia (Rm; Ga; Flp); el punto de conflicto se desplaza en Hch, donde Pablo se defiende diciendo que no ha hecho «nada contra el pueblo ni contra los ritos de los padres» (Hch 28,17) y considera que la línea de separación entre cristianos y judíos pasa por el reconocimiento de la resurrección de Jesús (Hch 23,6; 26,6-8).
- En Hch no hay ningún rastro de *los conflictos* que enfrentaron a Pablo con sus adversarios (sobre todo Ga y 1-2 Co), ni de su actividad epistolar.
- Mientras que Pablo reivindica su título de *apóstol* y combate para que su autoridad sea reconocida (1 Co 9,1; 15,9s; Ga 1,1), Lucas reserva ese título a los Doce y atribuye a Pablo el título de testigo (excepción: Hch 14,4.14)<sup>57</sup>.

---

<sup>57</sup> Cf. D. Marguerat, *Introducción Al Nuevo Testamento*, 122-123.

Uma diferença que já foi objeto de estudos em muitos círculos de pesquisas. Porém, nós limitamo-nos a refletir como Lucas caracteriza Paulo, sobretudo nos capítulos 22 e 26, onde o autor narra sobre a conversão do apóstolo. Segundo D. Marguerat, “trata-se de uma técnica de repetição a qual Lucas recorre quando quer impressionar algo, especialmente o leitor”<sup>58</sup>, e que deve ser enquadrado dentro de uma estratégia narrativa em vista de um plano teológico. Portanto, não se trata de uma simples repetição de episódios ou redundância, mais um modo particular de composição do autor no qual quer fazer com que o “leitor tome consciência mais uma vez de como Paulo compreendeu a sua missão e de quão decisiva foi esta sua vocação para o destino da Igreja”<sup>59</sup>.

Entre as narrativas de Atos 9; 22 e 26 respectivamente, há semelhanças e ligeiras variações literárias que são notáveis. Para D. Marguerat, “Atos 9 procede do narrador que narra na terceira pessoa; ao passo que Atos 22 e 26 representam modelos de discurso autobiográfico com visão interna, no qual Paulo fala de si mesmo, predominando o uso do «eu»”<sup>60</sup>. Para D. Marguerat, “a sucessão destas três versões do evento de Damasco, apresentam-se ao leitor como «um caminho de releitura da experiência paulina, que se vai compreendendo gradualmente ao longo da narrativa», segundo o ritmo da sua vida missionária”<sup>61</sup>. Para cada versão do evento de Damasco tem o seu tema teológico de referência. Neste sentido, para o capítulo 9 dos Atos o tema centra-se na eclesiologia; para o capítulo 22 é o judaísmo de Paulo e para Atos 26 o tema predominante é a cristologia.

Deste modo, a nossa atenção prender-se-á fundamentalmente nos Atos 22 e 26, pois, é nossa preocupação compreender este passo decisivo na vida de Paulo que faz o trampolim do judaísmo ao cristianismo e naturalmente o seu entendimento da pessoa de Cristo. “Se por um lado, o discurso de Atos 22 representa a defesa de Paulo perante seus companheiros judeus, por outro lado, Atos 26 o justifica diante do outro polo da narrativa do Atos - a cultura greco-romana”<sup>62</sup>.

### 2.3.1. O que é específico de Atos 22?

---

<sup>58</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 181.

<sup>59</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, 63.

<sup>60</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 186.

<sup>61</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 188.

<sup>62</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 190.

Em Atos 22, o apóstolo Paulo defende-se perante uma multidão em Jerusalém, iniciando o discurso como uma confissão impressionante, na qual reconhece o seu judaísmo zeloso, reconhece Jerusalém e os seus mestres, entre os quais menciona Gamaliel, que certa vez, no julgamento contra os apóstolos, já tinha referido algumas palavras (cf. At 5, 33-42) e também admite o seu zelo pela Lei de Moisés. Vê-se que Lucas procura reunir os sinais do judaísmo de Paulo, com referência, ao uso da língua hebraica (cf. At 21, 40); o estar perto do Templo dirigindo-se aos seus irmãos e pais (cf. At 22, 1); a sua origem e formação judaica (cf. At 22, 3) e a sua fidelidade a Lei e ao Templo (cf. 22, 26). Segundo D. Marguerat, a fórmula apresentada no v.3 - *Sou judeu, nascido em Tarso...* - não se trata apenas de uma declaração de sua identidade, mas constitui a tese teológica do seu discurso, revelando a fidelidade ininterrupta de Paulo à tradição judaica<sup>63</sup>. E por outra, este apelo de Paulo mais que uma estratégia retórica, é uma tentativa de situar o cristianismo como um cumprimento das esperanças messiânicas judaicas, um elemento central do cristianismo primitivo. Por isso, como observa J. Kurzinger, “todas as palavras se movem completamente dentro do círculo dos conceitos da fé judaica em Deus e da expectativa judaica de salvação”<sup>64</sup>.

Nesta narrativa, o autor do Atos não trata apenas de Paulo, afirma D. Marguerat, trata-se em última instância do destino do cristianismo. Neste sentido, Lucas defende a fé cristã da acusação de rutura com o judaísmo, ou seja, a fé cristã não se compreende sem referência a tradição judaica, numa dialética de continuidade e rutura. Assim entende-se perfeitamente que a Igreja nasceu de uma rutura não desejada por ela, mas desejada pela Sinagoga; O cenário estereotipado da missão paulina, com a expulsão sistemática do apóstolo, imputa ao Judaísmo a responsabilidade pela rutura da qual nasceu o Cristianismo. Mas a história não nos convida a repudiar esta origem; pelo contrário, convida o leitor cristão a tomar consciência das suas próprias raízes perdidas - mesmo quando delas se afastou - como origem indispensável para construir a identidade cristã<sup>65</sup>.

Por fim, em Atos 22, é o próprio apóstolo Paulo que descreve a sua experiência de transformação na primeira pessoa, que de um perseguidor passou a ser um pregador, com a missão particular de espalhar a mensagem de Cristo entre os gentios, no a multidão reage com certa hostilidade, revelando deste modo a tensão entre o universalismo da identidade cristã e as tradições exclusivas judaicas.

---

<sup>63</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 197.

<sup>64</sup> Cf. J. Kurzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, 155.

<sup>65</sup> Cf. D. Marguerat, *Introducción Al Nuevo Testamento*, 124.

### 2.3.2. E o que podemos dizer de Atos 26?

Aqui o apóstolo Paulo defende-se perante o rei Agripa II e o governador romano Festo. Este capítulo 26 representa “o clímax de todos os discursos de Paulo nos Atos, como uma espécie de resumo da mensagem cristológica do apóstolo”<sup>66</sup>. Por isso, requer uma atenção especial de nossa parte.

Em Atos 26, Paulo descreve o evento de Damasco de forma muito retórica, transformando assim num discurso mais argumentativo em relação ao que é descrito em Atos 9 e Atos 22, que acabamos de referir anteriormente. Mais que uma defesa, Paulo dá seu testemunho de fé em Cristo através da sua própria história de vida (a experiência de Damasco), reafirmando a promessa da esperança judaica na ressurreição dos mortos (cf. v. 6-8), já realizada na ressurreição de Jesus Cristo. O Messias (cf. v. 23-26). Neste sentido, “o evento de Damasco é apresentado como prova da ressurreição dos mortos, uma «*visão celeste*» do Ressuscitado da qual, o apóstolo Paulo não poderia escapar”<sup>67</sup>. Visto deste ponto de vista, “o autor dos Atos, interpreta a fé farisaica equivalente a fé cristã na ressurreição, ou seja, um judeu que se opõe à proclamação cristã do ressuscitado coloca-se em contradição com a sua própria tradição”<sup>68</sup>, como escreve D. Marguerat. O texto sugere que a razão pelo qual Paulo está sendo julgado é por causa desta esperança na promessa feita por Deus aos seus antepassados (cf. v. 6).

Segundo o livro dos Atos, os temas principais que Paulo apresenta ao longo da sua intervenção na narrativa, está muito relacionado com o “Reino de Deus” (cf. At 19, 8; 20, 25); a seguir Jesus (cf. At 19, 13; 23, 18), *um Jesus que morreu e Paulo afirma estar vivo* (cf. At 25, 19). O conteúdo de sua mensagem refere-se muitas vezes ao “todo o Plano de Deus” (cf. At 26, 20); ao Evangelho da graça de Deus (cf. At 20, 24); ao arrependimento e a conversão (cf. At. 26, 20; 20, 21) e neste capítulo 26 a predição da Lei e dos Profetas, bem como a esperança dos pais na Ressurreição dos mortos é notório. Por outra, diante dos judeus, na sinagoga de Antioquia e diante de Agripa, o apóstolo Paulo profere afirmações cristológicas que consistem fundamentalmente no facto de Jesus ser o Messias prometido no Antigo Testamento e esperado pelos judeus, e na verdade bíblica de que a sua morte e ressurreição ocorreram segundo as escrituras:

---

<sup>66</sup> Cf. Ben Witherington, *The Acts of The Apostles*, 735.

<sup>67</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 202.

<sup>68</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 203.

*Amparados pela proteção de Deus, continuarei a dar testemunho, diante de pequenos e grandes, sem nada dizer além do que os Profetas e Moisés predisseram que havia de acontecer: “que o Messias tinha de sofrer e que, sendo o primeiro a ressuscitar de entre os mortos, anunciaria a luz ao povo e aos pagãos. (cf. At 26, 22s). Portanto, a paixão e ressurreição do Messias, assim como a justificação da missão universal estão comprovadamente de acordo com as Escrituras. Ainda ligados a afirmações cristológicas, o Jesus de Paulo visto nos Atos “é explicitamente nomeado pelo seu nome, é designado descendente de David, chamado de σωτης (soter), e segundo salmo 2, 7, Filho de Deus (vv. 23.33)”<sup>69</sup>. Estas afirmações, assim como escreve Philip Vielhauer sobre o «Paulinismo» dos Atos, “não são genuína e especificamente paulinos nem lucanos, mas antes são afirmações típicas das comunidades cristãs primitivas”<sup>70</sup>.*

Para encerrar esta nossa reflexão sobre o capítulo 26, é importante lembrar que aqui, a visão do ressuscitado transforma-se no evento fundante do qual não é possível ignorar. Segundo D. Marguerat, Lucas demonstra isto pela insistência no passado de “Saulo” como um fervoroso perseguidor (cf. At 26, 9-11), juntamente com o facto de que ele não oferece resistência (cf. At 26, 16). Todavia, para D. Marguerat, a singularidade do deste acontecimento é dado pouco crédito, uma que está alinhada com outras visões prometidas a Paulo nos versículos seguintes (cf. At 26, 16s). Em contrapartida, o encontro com o ressuscitado desempenha o papel essencial no sentido de justificar o apelo à evangelização dos gentios e isso não por causa de sua dimensão teofânica, vista em Atos 9, 3-8, nem em virtude de sua conformidade com a Lei (cf. At 22, 14-16), mas porque a ressurreição do Messias cumpre as profecias (cf. At 26, 23; 27)<sup>71</sup>.

Por fim, o capítulo 26 do livro dos Atos oferece-nos um Paulo que narra diretamente o seu próprio caminho de transformação. E isto, desafia-nos a todos a vivermos como testemunhas fiéis da nossa fé, mesmo diante de oposição. A narrativa de Paulo nos lembra que na pregação do evangelho é necessária sobretudo a pré-disposição de colocar-se sob a dependência da Palavra de Deus, a fim de comunicar a mensagem de Cristo com fidelidade e eficácia. Para D. Marguerat os três relatos da transformação de Saulo para Paulo, e sobretudo este último, “é para mostrar como o apóstolo foi

---

<sup>69</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 368.

<sup>70</sup> Cf. R. Monasterio – A. Carmona, *La Investigación de los evangelios*, 369.

<sup>71</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 203-204.

violentamente dominado por Cristo exaltado, de quem ele havia feito seu inimigo, e como foi chamado a proclamar seu Nome entre judeus e gentios”<sup>72</sup>.

#### **2.4. Paulo em Roma (At 28) – A consolidação do cristianismo**

O autor dos Atos, reserva o último capítulo da obra para consolidar a nova comunidade nascente (cristianismo). Porém, o final da narrativa deixa em aberto algumas questões, que se transformam num objeto de investigação e estudos por muitos séculos. D. Marguerat fala da conclusão do Livro dos Atos como envolta num “enigma”. A forma como o livro termina é surpreendente<sup>73</sup>. O desfecho da vida e do ministério de Paulo não é concluído, como o habitual em obras narrativas das escrituras, e por consequente, Lucas não oferece detalhes, ficando a curiosidade do leitor estas questões.

Neste último capítulo do livro dos Atos, Lucas narra os acontecimentos finais que acompanham à chegada do apóstolo Paulo a Roma, desde a chegada em Malta (cf. v. 1-10), após o naufrágio, a sua viagem a Roma (cf. v. 11-15) e posteriormente a sua estadia (cf. v. 16-31). Em Malta, Paulo escapou do naufrágio e experimenta mais uma vez o poder divino que o protege. Desde modo, “Malta não é apenas um lugar de refúgio, mas também um lugar onde o Espírito do Senhor, age em favor de Paulo, se manifestando de forma visível”<sup>74</sup>, escreve J. Kurzinger. Ainda neste mesmo episódio, Lucas mostra o quanto Paulo estava sob a proteção de Deus, que nem a picada de uma víbora venenosa o prejudica (cf. v. 3-6), pelo que os habitantes locais o consideravam-no uma divindade. Isto remete-nos ao evangelho de Lucas, 10, 9 quando Jesus enviou os setenta e dois discípulos em missão, o texto diz o seguinte: *Olhai que vos dou poder para pisar aos pés serpentes e escorpiões e domínio sobre todo o poderio do inimigo; nada vos poderá causar dano.* E com este mesmo poder que vem de Cristo, Paulo realiza curas, faz milagres e anuncia aí a Boa Nova do reino. Em sinal de gratidão o povo nativo o acolhe dando-lhe hospitalidade, honras e presentes como um claro gesto da sensibilidade dos homens que aí se encontram. Neste episódio, Lucas dá-nos a conhecer esta marca característica da hospitalidade que sempre fez parte de gestos cristãos. Assim, Paulo e seus companheiros são hospedados por Publio, o chefe da Ilha. Langner escreve que

---

<sup>72</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 206.

<sup>73</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 207.

<sup>74</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, 198.

“Paulo de Lucas vive e pratica a afeição curativa de Deus pelos homens em toda a parte e em todas as situações”<sup>75</sup>. Desde modo, Paulo é apresentado para nós como um modelo que, mesmo em situações difíceis não deixa de dar testemunho da bondade de Deus e do seu afeto para os mais fragilizados.

## 2.5. Uma narrativa de um final em tensão

Porém, a maior dificuldade do final desta grande narrativa da obra dos Atos para muitos exegetas reside não no facto do que a obra diz, mas é justamente naquilo que a obra não diz, no qual guarda o silêncio. Como já nos referimos anteriormente, neste final da narrativa Lucas permanece em silêncio sobre muitos temas que ao longo da narrativa o leitor fica expectante em acompanhar o seu desfecho, porém, simplesmente nos deparamos com uma final meio abrupta. Assim, não nos é referido acerca do apelo a César, que por sinal constitui o motivo maior para a transferência de Paulo à Roma (cf. At 28, 19). Portanto, “é um final que decepciona a expectativa do leitor”<sup>76</sup>, afirma D. Marguerat. E conseqüentemente, este final abrupto da narrativa dos Atos, gerou um grande debate teológico que perdurou por muitos séculos de estudos e investigação em relação a própria essência da conclusão (cf. At 28, 17-28).

Para D. Marguerat, esta problemática do final abrupto dos Atos justifica-se pelas duas hipóteses: uma histórica e a outra teológica. A primeira hipótese atribui a conclusão prematura da obra a uma causa material, ou seja, terá sido por falta de papiro, ou ainda porque Lucas já tinha chegado ao fim de sua documentação que estinha a sua disposição (Cadbury, Harnack, Hemer). Para outros estudiosos, assim como Barret (1996), citado por Marguerat, podia pensar na possibilidade de que o autor já não tinha mais nada por dizer e que Paulo terá vivido o resto da vida no esquecimento. Porém, tudo isto são hipóteses numa perspectiva histórica e que nelas há de comum é o facto de postularem um final não intencional de Atos. Portanto, neste sentido podemos reafirmar aquilo o pensamento de D. Marguerat, segundo a qual o fracasso de Lucas em revelar o destino de Paulo é atribuído a restrição, a ignorância ou à mudez imposta<sup>77</sup>. Contudo, pelo uso de um vocabulário comum, o autor lucano juntou o fim e o início de Atos, assim como o início do seu evangelho, denotando entre as obras muitos pontos de

---

<sup>75</sup> Cf. C. Langner, *Evangelio de Lucas*, 383.

<sup>76</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 205.

<sup>77</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 207.

interligação que justificam de certo modo o caráter propositado desse final que assistimos. A segunda hipótese que é a teológica, defende que o que está na base deste final dos Atos é uma consequência de uma estratégia intencionalmente pensada pelo autor na composição de sua narrativa.

### CAPÍTULO III - RELEVANCIA DAS ESTRATÉGIAS LITERARIAS NA COMPREENSÃO DA IDENTIDADE CRISTÃ

Neste terceiro capítulo a nossa atenção volta-se para a importância destas estratégias literárias no estabelecimento e compreensão dos traços que definem a identidade cristã nas suas origens, marcados fundamentalmente pela dimensão da unidade na diversidade; a continuidade de alguns traços herdados do judaísmo e a consequente novidade de Cristo (Jerusalém - Roma); a universalidade e a integração das diferentes tradições é também uma marca deste cristianismo primitivo visto no livro dos Atos dos Apóstolos<sup>78</sup>.

Lucas não narra as ações ou os atos das personagens envolvidas em facto bruto, mas os interpreta a partir de uma perspetiva histórico-teológica<sup>79</sup>. E continua: “os protagonistas dos Atos são precisamente um «casal» vivaz e eficaz – a Palavra e o Espírito. Assim segundo D. Marguerat “é compreensível ver na obra dos Atos, como o Evangelho do Espírito, pois que a singularidade de Lucas enquanto autor, consiste precisamente em relatar a obra do Espírito na história”<sup>80</sup>. E por isso, para Lucas a primeira comunidade cristã é sem dúvida obra do Espírito, assim como afirma J. Kürzinger: *com o testemunho do espírito - que Jesus ressuscitado tinha assinalado com tanta veemência – a Igreja entra pela primeira vez no caminho que nos mostra o novo povo de Deus*<sup>81</sup>. Um povo constituído por um mosaico cultural diverso, refletindo o carácter universal da Igreja de Cristo.

#### 3.1. Unidade na diversidade

Um primeiro dado característico identitário a sublinhar deste cristianismo nascente na obra dos Atos dos Apóstolos é sem dúvida a unidade na diversidade. Apesar das diferenças existentes no seio da primeira comunidade cristã, o sentido de unidade, comunhão e partilha era notável. E Lucas procura justamente sublinhar este elemento quando escreve: “a multidão dos que haviam abraçado a fé tinham um só coração e uma

<sup>78</sup> Cf. D. Marguerat, *Introducción Al Nuevo Testamento*, 123.

<sup>79</sup> Papa Francisco, *Catequeses Sobre “Os Atos Dos Apóstolos*, 2016-2017. Textos retirados de [www.vatican.va](http://www.vatican.va): “nesta obra Lucas, fala-nos da viagem do Evangelho no mundo e mostra-nos a maravilhosa ligação entre a Palavra de Deus e o Espírito Santo que inaugura o tempo da evangelização”.

<sup>80</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 109.

<sup>81</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, 78.

só alma. Ninguém considerava seu nenhum dos seus bens; pelo contrário, tinham tudo em comum” (cf. At, 4, 32). Neste episódio, Lucas apresenta a primitiva comunidade cristã desde o ponto de vista da posse dos bens, no qual é notável a unidade e a harmonia entre os cristãos. Em Atos 2, 42-47 nos é apresentado em detalhes algumas práticas comuns no ambiente da comunidade primitiva, no encontramos muitas expressões que refletem o sentido de unidade e partilha no seio da comunidade de Jerusalém vista como modelo: *42os irmãos eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. 43O temor apoderou-se de todos, perante os muitos prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. 44Todos os que tinham abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum. 45vendiam propriedades e bens e dividiam o dinheiro entre todos, de acordo com as necessidades de cada um. 46Frequentavam todos os dias o templo, como se tivessem uma só alma, e em casa partiam o pão; partilhavam o alimento com grande alegria e simplicidade de coração, 47louvando a Deus e gozando da simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número daqueles que eram salvos.*

No v.42, refere-se que a assiduidade deste grupo de apóstolos consistia fundamentalmente em quatro elementos essenciais que constituía a Igreja: o ensinamento dos apóstolos; a comunhão; a partilha do pão e as orações. Desta forma, estes quatro elementos sublinham o espírito comum dos primeiros cristãos de Jerusalém e que ao mesmo tempo deve ser o sentimento dos cristãos de hoje. Pois que, o evangelista Lucas narra-nos isto, para mostrar a Igreja de Jerusalém como o paradigma de todas as comunidades cristãs, como o ícone de uma fraternidade que fascina e que não deve ser mitificada, nem sequer minimizada.

Neste “ensino dos apóstolos inclui toda proclamação que lhes foi confiada e que era necessária e a vivência da Palavra no seio da comunidade”<sup>82</sup>. Desde o Pentecostes, o Espírito Santo constitui a força motriz que une nesta diversidade os primeiros cristãos que unidos numa mesma fé, ultrapassavam barreiras linguísticas, culturas e raciais.

A promessa do Espírito que se realiza no Pentecostes (cf. At 2), do qual Lucas abre os Atos dos Apóstolos, é o acontecimento fundador da Igreja nascente, como bem observa D. Marguerat: «segundo Lucas, não se pode ignorar que a Igreja não nasce da

---

<sup>82</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, 80.

humanidade, mas do sopro de Deus»<sup>83</sup>. Quando Lucas situa a irrupção do Espírito no início da sua história da Igreja, exprime uma convicção partilhada por todo o cristianismo primitivo - a efusão do Espírito foi uma realidade pós-pascal; não é obra do Jesus terreno, mas do Cristo ressuscitado (João 15. 26; 16. 7; 20. 22, Gal. 4. 6; 2 Cor. 3. 17: cf. Mateus 28. 19– 20).<sup>84</sup>

D. Marguerat ao descrever a sua visão geral do papel e da relevância do Espírito na narrativa dos Atos, compreende como Lucas faz questão de demonstrar como o “*Espírito faz nascer a Igreja*”. No seu ponto de vista, Lucas funda a Igreja como um grupo que por definição é missionário e comprometido com a universalidade. Neste sentido, o Concílio Vaticano II, referindo-se a universalidade e catolicidade do único povo de Deus, diz o seguinte: Ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados. Por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou uma só natureza humana e resolveu juntar em unidade todos os seus filhos que estavam dispersos (cfr. Jo. 11,52). Foi para isto que Deus enviou o Seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas (cfr. Hebr. 1,2), para ser mestre, rei e sacerdote universal, cabeça do novo e universal Povo dos filhos de Deus. Para isto Deus enviou finalmente também o Espírito de Seu Filho, Senhor e fonte de vida, o qual é para toda a Igreja e para cada um dos crentes princípio de agregação e de unidade na doutrina e na comunhão dos Apóstolos, na fração do pão e na oração (cfr. Act. 2,42)<sup>85</sup>

Lucas enfatiza na sua narrativa o sentido de unidade, reafirmando constantemente o quanto a comunidade primitiva era uma só. Esta unidade é acentuada sobretudo em At 1, 12 e 2, 1. É notável o uso constante de verbos no imperfeito, que queiram sublinhar a permanência e a constância destas práticas na comunidade cristã. Para D. Marguerat, esta composição narrativa dos Atos (cf. At 2, 42-47) onde realça a vida espiritual da Igreja, movidos pela ação do Espírito Santo, “atinge o seu clímax na unificação da comunidade crente”<sup>86</sup>. A Igreja é feita de muitos rostos e culturas diversas, que acolhendo a mensagem do Evangelho, “o Espírito Santo torna fecunda a cultura com a força transformadora do evangelho”<sup>87</sup>.

---

<sup>83</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 114.

<sup>84</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 115.

<sup>85</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática Sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, 13.

<sup>86</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 123.

<sup>87</sup> Cf. Papa Francisco, Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium* 116.

Os primeiros cristãos reconheciam na diversidade e multiplicidade de crenças, a mediação divina, que enriquecia a própria comunidade de fé. Assim em Efésio 4, 3-6, Paulo, exorta a comunidade a manter-se unida no Espírito Santo pelo vínculo da paz, reconhecendo que há um só corpo e um só Espírito. “É o Espírito Santo que constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus”<sup>88</sup>, observa o Papa Francisco e continua, “é o mesmo Espírito que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multifôrme harmonia que atrai”<sup>89</sup>. Portanto, a luz do Evangelho esta unidade na diversidade não ameaça a unidade da Igreja, mas a configura cada vez mais a sua natureza.

Por fim, importa referir que para ser unidos em comunidade, não é preciso vestir roupas idênticas, caminhar ao mesmo ritmo, utilizar o mesmo tom para se expressar ou conformar-se com os mesmos hábitos e costumes. Não é imposto nenhum modelo ao qual se deveria submeter, abdicando-se da sua própria liberdade. Uma comunidade não é uma prisão na qual cada um é obrigado a adotar os mesmos comportamentos de todas as pessoas. É sobretudo, um espaço onde se poem em comum os talentos pessoais, as ideias, as investigações e as ações ao serviço de uma mesma e única missão: dar testemunho de Jesus Cristo no mundo de hoje. Uma comunidade é verdadeiramente cristã quando acolhe e reúne as diversidades, quando congrega as múltiplas capacidades pessoais numa única perspectiva: anunciar Jesus Cristo.

### **3.1.1. Comunhão e vida comunitária**

A partilha de vida fraterna é sem dúvida uma das características marcantes da comunidade primitiva que Lucas procura sublinhar ao longo da narrativa dos Atos dos Apóstolos. A narração de Atos 2, 42-47, do qual já nos referimos anteriormente, está enquadrado num contexto mais amplo, onde Lucas narra primeiramente o acontecimento de Pentecostes (cf. At 2, 1-13), seguida de discurso de Pedro (cf. At 2, 14-36) e posteriormente a reação das pessoas que ouviram o discurso (cf. At 2, 37-41). A comunhão e a partilha dos bens para com os mais necessitados representava um grande sinal de amor entre os irmãos, vivendo deste modo o ideal bíblico de que não deve haver pobreza em Israel: “Em verdade, não deve haver pobres entre vós, porque o Senhor te abençoará na terra que Ele próprio te há de dar em herança para a possuíres;

---

<sup>88</sup> Cf. Papa Francisco, Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium* 117.

<sup>89</sup> Cf. Papa Francisco, Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium* 118.

mas só se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, para guardares e cumprires todos estes preceitos que eu hoje te ordeno”.

Para C. Lagner, aqui «Lucas sublinha fundamentalmente a ortodoxia da comunidade primitiva e a sua continuidade com a fé judaica, pois, os cristãos não são “*um grupo totalmente novo*”, mas vivem a sua fé judaica e praticam-na como antes»<sup>90</sup>. Por outra, continua Lagner, “a comunidade primitiva se reúne em pequenos grupos nas casas para partir o pão em memória de Jesus Cristo”<sup>91</sup>. No final da narrativa no qual Lucas, dá-nos a conhecer a vida espiritual da Igreja nascente (cf. At 2, 47), é notório ver o crescimento do grupo, “(...) e o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação”. Neste sentido, o autor recorda-nos de novo o plano de salvação de Deus, que se realiza continuamente, não apenas nos acontecimentos sensacionais como os do dia de Pentecostes, mas “diariamente”, na vida quotidiana, onde nem sempre é perceptível a ação da sua graça.

A perícope de At, 2, 42-47, assinala um recurso literário muito utilizado por Lucas, o qual é denominado de sumário. Para D. Marguerat, “os sumários e as passagens de transição na obra de Lucas, unem as sequencias narrativas com a finalidade de integrá-las no plano de Deus, e que é a difusão da Palavra”<sup>92</sup>. A referida perícope pode ser uma idealização da comunidade de Jerusalém por parte de Lucas, como também serve de modelo para as demais comunidades cristãs. Assim, D. Marguerat entende que o resumo desta perícope não passa de uma idealização da comunidade de Jerusalém<sup>93</sup>.

Tanto em Atos 2, 42-47, como em Atos 4, 32-37, vemos um pouco daquilo que esta primeira comunidade fazia. Ambas as perícopes, tem o mesmo tema e vocabulários que denunciam o sentido comunitário como já nos referimos anteriormente: *tinham um só coração e uma só alma* (cf. At 4, 32); *com um só espírito* (cf. At 2, 46); *tinham tudo em comum* (cf. At 4, 32); *era tudo distribuído a cada um segundo a sua necessidade* (cf. At, 4, 35); *repartiam entre todos, segundo a necessidade de cada um* (cf. At 2, 44). No primeiro momento, Lucas descreve o que une os primeiros cristãos e os mantém unidos na partilha de vida e missão, algo que hoje temos muito que aprender - os seus membros vivem em comunidade e partilham a vida, aquilo que Lucas designa como «com o

---

<sup>90</sup> Cf. C. Lagner, *Evangelio de Lucas*, 293.

<sup>91</sup> Cf. C. Lagner, *Evangelio de Lucas*, 294.

<sup>92</sup> Cf. D. Marguerat, *Introducción Al Nuevo Testamento*, 118.

<sup>93</sup> Cf. D. Marguerat, *Introducción Al Nuevo Testamento*, 120.

mesmo espírito» e tendo «um só coração e uma só alma». E em seguida, Lucas dá-nos a conhecer aqueles elementos indissolúveis da comunidade eclesial: a liturgia, (Eucaristia e a oração), diaconado (atender às necessidades dos outros) e a proclamação ou testemunho (ensinamento e testemunho da fé). Para C. Lagner, “estas são as funções fundamentais da Igreja, que a constituem como comunidade (comunhão)”<sup>94</sup>.

Por outro lado, Lucas refere dois lugares principais no qual se manifesta a comunhão e a vida desta primeira comunidade: o templo e as casas (cf. At 2, 46). Os primeiros cristãos rezavam no templo de Jerusalém. Assim, o templo é o lugar de encontro, de oração comum e de ensinamento. Lucas indica a hora, como o próprio texto dos Atos nos refere: *Pedro e João subiam ao templo, para a oração das três horas da tarde* (cf. At 3, 1); quando o sacrifício era oferecido em holocausto, como sinal da comunhão do povo com o seu Deus, e também a hora em que Cristo morreu, imolando-se a si mesmo como cordeiro, «uma vez para sempre» (cf. Hb 9, 12; 10, 10). E também no templo, *reuniam-se todos no pórtico de Salomão*” (At 5, 12); e por aí “...ensinam” (cf. At 5, 21. 42). Nas suas catequeses sobre os Atos dos Apóstolos, o Papa Francisco, referi-nos que para além de o centro religioso, o Templo era inclusive um lugar de intercâmbios económicos e financeiros – a esta redução opuseram-se várias vezes os profetas e até o próprio Jesus (cf. Lc 19, 45-46). E nas casas, que também era um lugar de manifestação da comunhão (*koinonia*), os primeiros cristãos reuniam-se não somente para o partir do pão, mas também para a oração (cf. At 1, 14; 4,31) e para o ensino ou instrução (cf. At 5, 42).

Porém, depois dos Atos 5, há um silêncio sobre a vida da comunidade primitiva, já não ouvimos falar dos primeiros cristãos que se reúnem no templo. C. Lagner entende que isto deve-se fundamentalmente a dois factos. O primeiro é o facto de Lucas ter escrito a sua obra num momento em que o templo já não existia, pois foi destruído na década de 70; e por esta razão o templo deixou de ter qualquer significado para as comunidades. E uma segunda justificativa, é o da fé na pessoa de Jesus ter se difundido rapidamente para os países não judeus, no qual não existia templo. Por isso, o templo perdeu a sua relevância no seio da comunidade, e estes tiveram de procurar outras alternativas.

Neste sentido, continua C. Lagner, os judeus se reuniam em sinagogas, que na altura eram os lugares privilegiados para o ensino e a oração. E por esta razão, entende-se que Paulo, Barnabé, Silas e os seus companheiros foram às sinagogas pregar, porém,

---

<sup>94</sup> Cf. C. Lagner, *Evangelio de Lucas*, 296.

o Novo Testamento não regista estas reuniões ou encontros. As sinagogas não eram o local preferido para a reunião da comunidade, mas sim as casas<sup>95</sup>. Portanto, os primeiros cristãos, formavam um pequeno grupo de pessoas que se reuniam preferencialmente em suas casas, fala-se de “*igrejas domésticas*” (cf. At 8, 1-3; Rm 16 16, 5; 1 Cor 16, 19; Fl 1, 2).

### 3.1.2. Partilha do pão e a celebração Eucarística

A comunidade eclesial descrita no livro do Atos dos Apóstolos, é também aquela que vive e partilha a Eucaristia. É a experiência da *koinonia* – «pôr em comum», «partilhar», «comunicar e participar», ser comunidade, não se isolar. Diz o Papa Francisco nas suas catequeses, que “na Igreja das origens, esta *koinonia*, refere-se fundamentalmente à participação do Corpo e Sangue de Cristo”<sup>96</sup>. E por esta razão, quando fazemos comunhão declaramos, “comunicamos”, entramos em comunhão com Jesus e desta comunhão com Jesus, chegamos a comunhão com os nossos irmãos. Por outras palavras, a comunhão com Corpo e Sangue de Cristo, faz-se na Santa Eucaristia, o qual se traduz em união fraterna.

Na perícopre dos Atos 4, 32-35, Lucas detalha como se exercitava a partilha dos bens na comunidade. Neste relato um tanto quanto detalhista, percebe-se que o autor tem uma preocupação especial com a partilha dos bens, como referência da comunidade primitiva, pois que a distribuição e a partilha dos bens era feita no sentido de não houver quem passe por necessidades a mais. Para Lagner, Lucas não apoia o ideal de pobreza, pois, o seu ideal é a partilha solidária dos bens; o apoio e a entreatajuda entre os irmãos.

Importa referir, que quando Lucas escreve os Atos dos Apóstolos, as distâncias e as diferenças entre pobres e ricos aumentaram. E por isso, o autor, quer despertar o espírito daqueles que entrarão em contacto com a sua obra, traçando um quadro ilustrativo de uma comunidade generosa. A partir do Evangelho de Lucas percebemos o quanto o tema da pobreza é riqueza é muito importante para o autor. Assim no seu Evangelho, descreve os pobres positivamente em oposição aos ricos. Basta olharmos por exemplo o cântico de Maria (cf. Lc 1, 51-53), as bem-aventuranças (cf. Lc 6, 20-26), a parábola do rico e do pobre (cf. Lc 16, 10-31) e também a viúva pobre (cf. At 21, 1-4). No entanto,

---

<sup>95</sup> Cf. C. Lagner, *Evangelio de Lucas*, 298.

<sup>96</sup> Cf. Papa Francisco, *Catequeses Sobre “Os Atos Dos Apóstolos”*, 2016-2017.

observa C. Lagner, “Lucas nunca despreza coletivamente os ricos, nem condena as riquezas de modo geral, pelo contrário, apresenta muitos exemplos positivos de pessoas ricas, como é o caso do credor da parábola que condena as dívidas dos seus devedores (cf. Lc 7, 41-43) e o publicano Zaqueu que dá metade dos seus bens aos pobres e recupera o campo e traz o dinheiro de volta para comunidade”<sup>97</sup>. Portanto, estes exemplos positivos de ricos indicam que Lucas é distinto no seu modo de avaliar a pobreza, conclui C. Lagner.

## **O uso dos bens**

A sociedade e a Igreja são constituídas por ricos e por pobres ao mesmo tempo. Uma realidade bem presente nas sociedades de hoje. Assim como a riqueza, a pobreza tem múltiplos aspetos. Um deste prende-se ao facto de a riqueza e a pobreza ter muito a ver com o corpo e a matéria e ao mesmo tempo estar relacionado com o espírito e coração. Ser rico não significa apenas possuir quantias avultadas de bens materiais as que permitem viver uma vida de sonho, mas consiste antes demais em dispor de tudo o que necessita uma existência normal: como é alimentação, trabalho, dinheiro, cultura, capacidade de inteligência e de relações ... etc. em outras palavras, ser rico, significa “ter” tudo o que é preciso para “ser” um ser humano.

Ser rico consiste também em ter o “supérfluo”, em possuir demasiado bens em tudo. Enquanto ser pobre consiste em estar desprovido do necessário para viver uma existência humana normal. Porém, ser rico não é um pecado em si mesmo, mas um privilégio que certas pessoas desfrutam. É um pecado quando se guarda egoisticamente todos os bens para si mesmo vivendo numa indiferença total a pobreza. Portanto, a pobreza não é boa nem má em si mesma, tudo depende do uso que se faz dela. Neste sentido entende-se que a riqueza leva ao pecado quando, dispondo de tudo o que é necessário para lutar contra a pobreza, o rico nada faz para restituir às pessoas humanas a sua dignidade e o seu direito a uma existência aceitável. Logo, quanto mais se é rico, maior é o dever de partilhar. Uma partilha que não consiste somente em bens materiais ou assistência às pessoas que vivem numa situação de extrema pobreza. Mas é sobretudo colocar em comum as capacidades e os dons espirituais de todos, a fim de que os mais necessitados possam realmente tomar na família humana com mais dignidade e igualdade.

---

<sup>97</sup> Cf. C. Lagner, *Evangelio de Lucas*, 299.

Jesus Cristo é o modelo por excelência de partilha. Pois que ao longo de sua vida terrena viveu e praticou na máxima perfeição o dom da partilha. Ele próprio partilhou, dando a cada um a sua parte de amor, e a sua parte de acolhimento e de liberdade, a sua parte de ternura do Pai. Por fim, morreu para que a vida seja partilhada por todos. Partilha em sentido cristão, conduz fundamentalmente ao dom tanto de si como dos bens. Neste sentido, o cristão dá mais que o supérfluo, ou seja, dá o necessário e o fundamental, sem cálculos ou medidas naquilo que se pode dar. Por outras palavras, o sentido de partilha visto nos Atos do Apóstolos, dá-nos a entender que vida cristã é doação de si mesmo e de suas capacidades, colocando em ação a fim de gerar mudanças nas estruturas e sistemas sociais, políticos e económicos que incentivam a desigualdade e a pobreza. Desde modo, este constitui também o caminho para que a santificação dos que creem em Cristo.

### **Oração como pratica central**

Um outro elemento a sublinhar no que concerne a marca identitária desta comunidade primitiva dos Atos dos Apóstolos, trata-se da oração como pratica central da comunidade. Na Última Ceia, antes de sofrer o sacrifício da sua paixão, Cristo associou a partilha do seu pão com a sua morte, assim que, o conceito de «partir o pão» adquiriu cada vez mais uma relação especial com o banquete eucarístico do Senhor, afirma Kurzinger em um dos seus textos<sup>98</sup>. Embora o texto dos Atos dos Apóstolos não exige que se pense necessariamente em uma Celebração Eucarística, como é entendida hoje, Lucas aponta uma particularidade desta comunidade primitiva que não só “partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração” (cf. At 2, 46), mas também frequentavam diariamente os atos de adoração do templo judaico. No entanto, continua J. Kuzinger, quando nenhuma refeição eucarística era acompanhada pelas refeições comuns da comunidade primitiva, é provável que a comunidade se lembrava das refeições comunitárias com Jesus antes e depois da Páscoa na esperança do Senhor que virá novamente (cf. 1 Cor 11, 26).

Ora, a primeira comunidade cristã, embora sendo vista como uma seita do judaísmo dominante da época, era provável que participava dos momentos de orações

---

<sup>98</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento*, 88.

que eram recitadas nos cultos da sinagoga, lugar privilegiado de culto judaico (cf. At 3, 1). Em Atos 4, 24-30, Lucas mostra-nos um claro exemplo de como a fé cristã foi capaz de se expressar na recitação dos salmos. Assim, podemos considerar que a «oração característica desta comunidade primitiva será então “Oração do Senhor”, graças ao seu uso também na liturgia<sup>99</sup>. Como também podemos considerar, assim como Kuzinger observou, que muitas orações e cânticos de louvores terão surgido da contemplação do sagrado mistério e a partir deles tomaram forma e conteúdo. Estas mesmas orações e cânticos terão sido aquelas com as quais Paulo e Silas na prisão de Filipos, se fizeram ouvir, por volta da meia-noite, pelos outros prisioneiros (cf. At 16, 25), ou ainda aquelas que Paulo se refere quando afirma: “a Palavra de Cristo habite em vós com toda sua riqueza: ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros com toda a sabedoria; cantai a Deus, nos vossos corações, o vosso reconhecimento, com salmos, hinos e cânticos inspirados” (cf. Cl 3, 16; Ef 5, 19).

Por outro lado, J. Kurzinger atesta que “a oração era recitada como se toda a comunidade estivesse a rezar de acordo com a situação em que se encontravam”<sup>100</sup>, isto é, a oração refletia a vida da comunidade, no sentido de que o conteúdo da oração é essencialmente a vida (fazer da vida o conteúdo do diálogo e encontro de oração). Quando faltar isto, é porque a sua oração ainda não passou da adolescência. E conseqüentemente, estaremos diante de uma oração completamente artificial, irreal. Portanto, a oração é então «geradora de necessidades» (G. Gutiérrez), ou seja, quando o encontro de oração é autêntico, desperta no orante as necessidades de que sofre e as possibilidades do reino de Deus. Se Jesus Cristo foi o orante do reino, o cristão não tem outro destino a não ser o reino de Deus. Neste sentido, estar com Deus constitui a finalidade da oração cristã por excelência, que esta primeira comunidade apresentada por Lucas nos Atos do Apóstolos no ensina.

Deste modo, compreendemos como “a oração é subordinada a realidade histórica, na qual vemos delineada a situação real da comunidade”<sup>101</sup>. E Lucas como excelente escritor, deve ter-lhe dado uma forma teológica e literária bem pensada, assim, tal como no seu evangelho, particularmente na história da infância, ele deixa bem claro o ambiente da respetiva situação com hinos de depreciação históricas, sem que isto altere a tradição mais fidedigna registada pelo evangelista.

---

<sup>99</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento*, 90.

<sup>100</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento*, 116.

<sup>101</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento*, 118.

No entanto, no Novo Testamento é possível verificar práticas litúrgicas desta primeira comunidade cristã. Trata-se por exemplo do Domingo no qual celebra a Ressurreição do Senhor e a fração do Pão (cf. 1 Cor 16, 2; Ap 1, 19; At 20, 7); a Páscoa anual que surge como elemento fundador da liturgia cristã, assim como S. Paulo nos refere na primeira Carta aos Coríntios: “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado” (cf. 1 Cor 5, 7). E por outro lado, é a própria “Igreja apostólica que celebra o Batismo em nome de Jesus”, como Lucas descreve em Atos 2, 38.

J. Esteves e J. Cordeiro nos seus estudos sobre a “*Liturgia da Igreja*”, referem-nos que “apesar de não existir um ordenamento estável, a comunidade primitiva já possuía algumas formas litúrgicas próprias”<sup>102</sup>. Destaca-se sobretudo as reuniões de oração, do Batismo e da Eucaristia. Porém, os primeiros cristãos, numa relação de continuidade e descontinuidade das tradições judaicas, vão tomando cada vez mais consciência da novidade da experiência com Cristo ressuscitado. Assim, sem renegar as raízes judaicas, começam a surgir novas formas de cultos. Portanto, mais uma vez é notável a marca identitária da inclusão até no âmbito litúrgico da comunidade primitiva, onde os vários elementos se cruzam para formar um culto cristão como tal.

### **3.2.3. Fidelidade ao ensino dos Apóstolos**

Analisando os Atos 2, 42, encontramos alguns elementos que constituem o culto cristão: (1) Ensino dos Apóstolos (*didaché*); (2) a Comunhão Fraternal (*koinonia*; *serviço*); a Fração do Pão (Eucaristia, ponto culminante da ação litúrgica) e as Orações, cuja finalidade é fundamentalmente a edificação da comunidade cristã.

Como elemento de destaque, depois de abordamos sobre a centralidade da oração na comunidade primitiva, sublinhada por Lucas nos Atos dos Apóstolos, nos ocuparemos da fidelidade ao ensino dos Apóstolos (*didaché*), que o autor evidencia como um elemento constituinte desta primitiva comunidade cristã e que ao mesmo tempo forma a marca identitária do cristianismo.

O autor dos Atos dos Apóstolos faz-nos compreender que a fidelidade ao ensino dos apóstolos, constitui um dos pilares fundamentais dessa nova comunidade cristã, que não apenas moldava a doutrina, se não também guiava a prática e a vida quotidiana dos fiéis. Como lemos em Atos 2, 45: “*eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, a união*

---

<sup>102</sup> J. Esteves – J Cordeiro, *Liturgia da Igreja* (Coleção Estudos teológicos; Universidade Católica Editora, Lisboa 2008) 26.

*fraterna, a fração do pão e às orações*”. Entre estes elementos fundantes da Igreja primitiva, Lucas coloca em primeiro lugar o ensino dos apóstolos justamente para sublinhar a importância que o mesmo representa no caminho de amadurecimento da consciência cristã. A doutrina dos apóstolos compreendia fundamentalmente o ensino que eles recebiam diretamente de Jesus, assim como Lucas nos refere nas palavras introdutórias dos Atos: “no meu primeiro livro, ó Teófilo, narrei as obras e os ensinamentos de Jesus, desde o primeiro até ao dia em que, depois de ter dado, pelo Espírito Santo, as suas instruções aos Apóstolos ...” (At 1, 1-3). Os apóstolos se tornaram os principais comunicadores da revelação cristã. Esta fidelidade ao ensinar aquilo que os apóstolos receberam de Jesus, é demonstrada sobretudo na pregação de Pedro vista em Atos 2, 14-36, na qual o apóstolo apresenta a morte e ressurreição de Jesus como cumprimento das profecias.

### **A doutrina que gera transformação de vida**

Longe de ser uma instrução meramente teórica, a fidelidade ao ensino dos apóstolos gera transformação de vida na comunidade. Trata-se de um ensino que conduzia a uma vivência prática do evangelho, fundamentada no amor, na generosidade e na oração, como Lucas procura sublinhar em Atos 2, 44-47. Por outra, a “doutrina dos apóstolos” não se trata simplesmente uma repetição do que os apóstolos ensinaram. Mas sobretudo o ensino e o estudo que nos permitem realizar o nosso “apostolado”, a nossa missão hoje. A Igreja vive em um mundo em constante mudança. E a missão como é uma ponte entre a mensagem do que aconteceu com Jesus Cristo e a realidade em que os destinatários da mensagem vivem, a preocupação do missionário passa sobretudo em ter em conta o mundo no qual a Igreja está inserida. Por esta razão, não basta repetir o que sempre foi dito da mesma forma como foi dito. É fundamental antes de mais, ter um estudo sobre a Palavra assim como estudar o mundo ao qual pretendemos comunicá-la. E a perseverança neste estudo, diz J. González, “representa a perseverança da Igreja primitiva na doutrina dos apóstolos”<sup>103</sup>. Portanto, o anúncio da mensagem e dos ensinamentos de Jesus Cristo faz-se necessário, urgente e importante no mundo como hoje, a fim de que haja uma verdadeira conversão no coração dos fiéis. Neste sentido, o

---

<sup>103</sup> Cf. J. González, *Hechos – Comentario Bíblico Hispano Americano* (Editorial Caribe, Miami, 1992), 83.

Papa Francisco nos recorda: “não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor...”<sup>104</sup>.

Um estudo da Palavra baseado na verdade e na fé, leva sempre a uma fé mais profunda e madura de quem se dedica e nunca o contrário. Embora vivemos em um mundo bastante complexo, a Palavra de Deus surge como um caminho para melhor entender e compreender o mundo no qual estamos inseridos, sem sermos vencidos pelo medo. Por outro lado, o quadro que Lucas nos apresenta é Atos, 2, 42, é bastante sugestivo no que concerne o entendimento de como se constrói a comunidade fraterna. Aqui vemos que a comunidade apostólica que o autor descreve, se constitui a partir e sobre a base dos ensinamentos dos apóstolos. Este ensinamento, sublinha Bruce<sup>105</sup> em seu comentário que tinha autoridade porque era ensinamento do próprio Senhor, por meio do qual comunica a graça do poder divino, como já nos referimos anteriormente.

Um outro elemento fundamental da fidelidade ao ensino apostólico é sem dúvida a sua contínua transmissão. Paulo em Atos 20, 27, diz o seguinte: *jamaís recuei, quando era preciso anunciar-vos todos os desígnios de Deus*. Realçando deste modo, a transmissão contínua do ensino apostólico que se estende a toda geração posterior. Neste sentido é importante referimo-nos sobre o discurso de Paulo em Mileto (cf. At 20, 13-36), no qual Lucas apresenta resumidamente em poucas linhas o ministério apóstolo, assim também o como será o ministério de seus sucessores. Interessa-nos sobretudo de dois elementos que consideramos essenciais.

Um primeiro elemento diz respeito a missão que tem os anciãos, presbíteros ou os bispos de garantir o ensino adequado no seio da Igreja. Entretanto, do mesmo modo que a geração posterior a Paulo teve de confrontar doutrinas que distorciam o evangelho, recordamos sobretudo as grandes heresias dos primeiros séculos da Igreja primitiva, hoje em muitos ambientes cristãos há necessidades de confrontar doutrinas ou ensinamentos semelhantes. Os cristãos vindos do judaísmo insistiam que, a salvação consistia intrinsecamente no cumprimento da Lei de Moisés. Em contrapartida, para Paulo esta maneira de pensar era uma ameaça ao próprio coração da Boa-Nova trazida por Jesus Cristo. Pois, que se para ser salvo basta o cumprimento da Lei, então Cristo terá sofrido a sua paixão e morte em vão, e graça de Deus pouco ou nada vale. São

---

<sup>104</sup> Cf. Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 110.

<sup>105</sup> Cf. F.F. Bruce, *Hechos de los Apóstoles*, 64.

doutrinas como estas que de alguma forma constituem uma ameaça para a nossa Igreja hoje. Há uma tendência em querer acrescentar mais elemento aquilo que a graça divina nos oferece, parece que ela em si não é suficiente, então alguns insistem nas leis do Antigo Testamento. Outros pautam por aquilo que aparece exteriormente, com maior cuidado nos vestuários, ou ainda nos alimentos, assim como nas ações sociais meramente filantrópicas. Porém, independentemente do nome ou do significado que possamos atribuir a estas doutrinas – conservadores ou liberais, da esquerda ou da direita, se de alguma forma tentam acrescentar mais elementos à graça de Deus – são de facto semelhantes as doutrinas contras as quais Paulo escreveu. Portanto, a graça em si mesma realiza o que em nós é necessário e nos ajudar a ter uma atitude diferente. Porém, tal atitude não é um pré-requisito para graça divina. Em outro sentido, afirma González «não recebemos a graça porque nos comportamos bem, mas nos comportamos bem porque recebemos a graça<sup>106</sup>».

O gnosticismo por exemplo, a doutrina que distorcia em certo sentido o evangelho nos primeiros tempos da Igreja primitiva, aparentava ser mais “espiritual” que a espiritualidade cristã comum. Para o gnóstico, tudo o que era material era mau, ou seja, o mundo material é desprezível em relação ao mundo espiritual. Para tal, os cristãos, verdadeiramente espirituais não deveriam se preocupar com seus próprios corpos, mas apenas do espiritual. Consequentemente, este mundo não é importante, mas o mundo que virá, puramente espiritual. A comunidade primitiva lutou fortemente contra tais ensinamentos, a fim de manter-se fielmente a doutrina apostólica.

### **3.2. A Universalidade**

A ideia de universalidade nos escritos lucanos e fundamentalmente no livro dos Atos dos Apóstolos está profundamente ligada à ideia de que o Evangelho não é limitado a um só povo ou uma nação, mas destinado a todos os homens, não importa a raça; cultura ou língua. E esta é sem dúvida uma das grandes mensagens teológicas desta narrativa dos Atos dos Apóstolos, no qual encontramos muitas referências que expressam este sentido de universalidade da mensagem cristã.

Para D. Marguerat, Lucas faz recurso a certos mecanismos literários, que nos permite concluir que há uma clara intenção de integração dos polos que parecem

---

<sup>106</sup> Cf. J. González, *Hechos – Comentario Bíblico*, 297.

opostos, Jerusalém e Roma; a articulação das personagens de Pedro e Paulo por exemplo que “no final se conjugam com a universalidade de Deus e por aí se configura a identidade cristã<sup>107</sup>”. Assim refletiremos brevemente sobre algumas passagens as quais julgamos que expressam diretamente esta temática da universalidade. Em primeira instância, veremos a perícopes de Atos 1, 8, na qual Jesus antes de ascender ao céu, deixa claro que a missão dos discípulos é mais ampla, e não somente em Jerusalém. E Lucas quer justamente sublinhar esta intenção com a expressão “*até aos confins da terra*” – a universalidade da missão cristã. E logo um olhar, ao evento de Pentecoste será necessário, pois nele a diversidade de línguas surge como um claro sinal da universalidade da graça vinda do Espírito Santo (cf. At 2, 5-11). E por fim, há também outras passagens que nos abrem para esta diversidade e universalidade da mensagem cristã. Assim quando Lucas realça a conversão de Cornélio (cf. At 10, 34-35) e posteriormente o reconhecimento da salvação para os gentios (cf. At 11, 17-18) com Paulo e Barnabé anunciando o evangelho aos gentios (cf. At 13, 46-47), quer mostrar o quanto Deus deseja que todas as pessoas cheguem ao conhecimento da verdade e obtenham a salvação por através de Jesus Cristo.

### **3.2.1. Pentecostes: Unidade na Diversidades (At 2, 1-13)**

O Pentecostes nos Atos dos Apóstolos representa a concretização da promessa, a descida do dom do Espírito Santo. Sem a pretensão de fazer um estudo exaustivo sobre a doutrina do Espírito Santo e o modo como Ele atua em cada episódio, algo que muitos exegetas na o fizeram e com maior profundidade. No entanto, nossa pretensão é sobretudo o de sublinhar o efeito deste grande acontecimento, particularmente do sentido da unidade e da diversidade. É inegável o quanto a narrativa dos Atos dos Apóstolos está profundamente marcada pela ação do Espírito Santo. Tanto que E. Jacquier citado por D. Marguerat em 1926, escreve: *Os Atos são por assim dizer, o Evangelho do Espírito*. Embora Lucas não possua uma pneumatologia sistemática elaborada, ele mostra o Espírito em ação, sem a preocupação de explicar a sua conceção. Assim, para D. Marguerat, Lucas terá editado a narrativa de Pentecostes de uma forma que evoca as grandes teofanias do Antigo Testamento, mas particularmente

---

<sup>107</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 86-87.

o dom da Lei do Sinai (cf. Ex 19. 8, 16-19)<sup>108</sup>. Portanto, ao sublinhar o significativo acontecimento de Pentecostes Lucas mostra como este evento amplia a universalidade da mensagem de Jesus que quer chegar a todos as pessoas, indo além-fronteiras de Israel, ultrapassando os limites da Lei, transpondo essencialmente as fronteiras da Ásia para chegar a Roma, o centro do mundo.

É interessante notar que em Atos 2, 1-13, Lucas repete pelo menos umas seis vezes a expressão “*παντες*” que significa - todos. Justamente para realçar o quanto o sentido de universalidade que também uma característica marcante da identidade cristã: *v1 - encontravam-se todos reunidos; v2 encheu toda a casa; v4 todos ficaram cheios do Espírito Santo; v5 provenientes de todas as nações; v7 não são todos galileus? v12 estavam todos assombrados (...)*. Por aqui cruzam-se simultaneamente a diversidade e a universalidade. Por outro lado, o milagre de que cada um ouvia falar na sua própria língua realça que a fé cristã se estende a todos os povos, e a inclusão dos povos gentios (cf. At 10, 44ss) vem demonstrar isso. Para muitos exegetas, a divisão que ocorreu na “Torre de Babel” (cf. Gn 11, 1-9) encontra aqui a sua antítese e seu fim.

O interesse de Lucas como narrador, observa J. Kurzinger, centra-se em indicar que “os peregrinos trouxeram a mensagem cristã a Roma e que a comunidade que lá se formou era diversificada e ao mesmo tempo unitária, constituída por cristão judeus e cristãos étnicos”<sup>109</sup>. Lucas descreve o acontecimento como o milagre vindo do céu, fruto do Espírito, justamente para dizer que a graça da unidade na diversidade é antes de mais um dom que Deus concede e não somente fruto do esforço humano. Com um interesse fundamentalmente teológico, Lucas tentar demonstrar como o “Cristo Ressuscitado confere aos seus seguidores o dom do Espírito e que este se converte em fonte de vida e sinal de crescimento nos inícios da comunidade cristã”<sup>110</sup>. Neste sentido, acrescenta mais uma vez J. Fitzmyer: «O milagre de Pentecostes dá a conhecer a ação do Espírito e a o dom das línguas permite aos doze proclamar a Boa-Nova da salvação a todo Israel e a toda humanidade»<sup>111</sup>.

### 3.2.2. Atos 10, 34-35 – A Conversão de Cornélio

---

<sup>108</sup> Cf. D. Marguerat, *The first Christian Historian*, 109.

<sup>109</sup> Cf. J. Fitzmyer, *Los Hechos de los Apóstoles* 58.

<sup>110</sup> Cf. J. Fitzmyer, *Los Hechos de los Apóstoles*, 321.

<sup>111</sup> Cf. J. Fitzmyer, *Los Hechos de los Apóstoles*, 322.

O episódio de Cornélio é um outro texto entre muitos outros no qual é possível notar a inclusão dos gentios no mistério da vida de Cristo. Este episódio está inserido na grande secção dos Atos, onde Lucas começa a descrever a expansão da Palavra desde Jerusalém, o centro geográfico da história sagrada, até aos confins da terra como o Cristo mandou (cf. At, 18). E por aqui é importante observar a missão de Pedro e o modo como Palavra abrir-se-á para outras realidades fora do mundo judaico. Para Fitzmyer, “Lucas inicia a verdadeira história da propagação da Palavra aos gentios, começando por referir como Deus chama Pedro à presença de Cornélio, um centurião romano de Cesárea, que se converte, ele e a sua família”. Assim se inaugura a expansão do Evangelho aos gentios.

Para muitos comentaristas o episódio é complexo na sua divisão e estrutura. Sem a pretensão de fazer uma exegese do texto, a nós interessa-nos fundamentalmente a palavra de Pedro: *reconheço, na verdade, que Deus não faz a aceção de pessoas, mas que, em qualquer povo, quem o teme e põe em prática a justiça, lhe é agradável.* (cf. At 10, 34-35). Pedro faz uma declaração muito importante e profundo, no sentido de que afasta qualquer preconceito racial ou religioso para fazer parte do Reino. A nós hoje, pode parecer uma verdade irrelevante, mas para aquele contexto onde a observância da Lei era o único caminho possível, representava uma verdade revolucionária. Bruce afirma que “Lucas, como o próprio gentio de nascimento, tinha bons motivos para enfatizar a referência a inclusão de gentios, tanto por meio de repetições ao longo da narrativa quanto por outros meios”<sup>112</sup>. Neste sentido, compreendemos, que quando Deus oferece a salvação, Ele não olha para o que os homens olham. Para Deus, as diferenças de posição social, sexo, raça e nação não tem relevância; e é nisso que consiste a novidade da declaração de Pedro – a diferença da confissão religiosa<sup>113</sup>. Quando Pedro faz essa declaração, continua J. Kürzinger, ele pensa sobretudo no caminho salvífico da Igreja, em nome do qual fala. Um caminho de salvação aberto a todos, sem distinção, a todos aqueles que com profundo respeito pelo mistério de Deus busca a sua justiça e verdade.

Por outro lado, estas palavras de Pedro, fazem-nos pensar também em Paulo, o missionário dos gentios por excelência. Na Carta aos Romanos e na Carta aos Gálatas encontramos expressões ou sentimentos semelhantes, quando Paulo escreve: *eu não me envergonho do evangelho, pois ele é o poder de Deus para a salvação de todo o crente,*

---

<sup>112</sup> Cf. F.F. Bruce, *Hechos de Los Apóstoles*, 241.

<sup>113</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento*, 289.

*primeiro o judeu e depois o grego* (cf. Rm 1, 16). E na carta aos Gálatas lemos: *é que todos vós sois filhos de Deus em Cristo Jesus, mediante a fé* (cf. Gl 3, 26). Portanto, “o caminho da salvação de Deus está aberto para todos, e esse caminho de salvação é Cristo Jesus”<sup>114</sup>.

### **3.3. Atos 13, 46-47 – Paulo e Barnabé anunciam a Boa-Nova aos Gentios**

E por fim, um último facto que queremos sublinhar para enfatizar a universalidade da mensagem cristã, que Lucas procura tanto fazer referência na narrativa dos Atos é a afirmação feita por Paulo e Barnabé: *era primeiramente a vós que a Palavra devia ser anunciada. Visto que a repelis e vós próprios vos julgais indignos da vida eterna, voltamos-mos para os pagãos, pois assim nos ordenou o Senhor – “Estabeleci-te como luz dos povos para lewares a salvação até aos confins da Terra”* (cf. At 3, 46 – 47). Nesta passagem Paulo faz referência ao que o profeta Isaías escreveu: *«não basta que sejas meu servo, só para restaurares as tribos de Jacob e reunires os sobreviventes das nações. Vou fazer de ti luz das nações, para que a minha salvação chegue até aos confins da terra* (cf. Is 49, 6). Sublinha de modo claro que a missão da Igreja é alcançar todos os povos. Assim, como reforça o Papa Francisco em uma de suas catequeses sobre os Atos dos Apóstolos: “Deus quer que os seus filhos superem qualquer particularismo para se abrirem à universalidade da salvação”<sup>115</sup>. Paulo e Barnabé dão-nos o testemunho de que a Palavra de Deus deve ser anunciada e proclamada em toda a parte e por isso estes os dois começam a fazer muitas viagens missionárias a fim de expandir o Reino em toda terra. Segundo o testemunho do próprio livro dos Atos, Paulo e Barnabé partem para Antioquia, onde ficaram algum tempo para ensinar e ajudar a comunidade que aí se desenvolvia (cf. At, 11, 26). Assim, Antioquia se torna um grande centro de propagação da mensagem cristã – tanto é que por aí são chamados pela primeira vez de “cristãos”.

Portanto, a narrativa dos Atos revela a natureza da Igreja, que não é uma fortaleza, diz o Papa Francisco, mas uma tenda capaz de alargar o seu espaço e de dar acesso a todos. Assim, parafraseando a linguagem do Papa, a Igreja ou é “em saída” ou não é

---

<sup>114</sup> Cf. J. Kürzinger, *El Nuevo Testamento*, 62.

<sup>115</sup> Cf. Papa Francisco, *Catequeses Sobre “Os Atos Dos Apóstolos”*, 2016-2017.

Igreja, ou está a caminho, alargando sempre o seu espaço para que todos possam entrar, ou não é Igreja. O mundo de hoje exige sempre «uma Igreja de portas abertas»<sup>116</sup>.

---

<sup>116</sup> Cf. Papa Francisco, Exortação Apostólica, *Evangelii gaudium*, n° 46

## CONCLUSÃO

Estudar os contributos da exegese recente na compressão do livro dos Atos do Apóstolo configurou-se como um caminho árduo e exigente, devido os limites e carências na qual estávamos expostas ao longo da nossa investigação. Porém, é um trabalho que nos enriqueceu bastante. O livro dos Atos em si é uma obra complexa com um único género no corpo do Novo Testamento, ou seja, não é evangelho, não é uma carta nem é um escrito profético. “Os Atos dos Apóstolos narram a expansão da comunidade cristã depois da morte e ressurreição de Jesus”<sup>117</sup>.

O livro apresenta-se como a continuação do evangelho de Lucas, e por isso deve ser lida e compreendida nesta perspetiva. Porém, historicamente nem sempre foi lida e compreendida nesta vertente, ambos tinham caminho diferentes de estudos. Somente a partir dos anos 50 em que o interesse pelos estudos e exploração da obra lucana irá ressuscitar no seio de muitos exegetas do Novo Testamento. Assim surgem investigadores e exegetas como M. Debeleius (1883-1947), que entende a obra lucana como a realização do plano divino, no qual Deus guia os acontecimentos humanos. Para E. Haenchen (1894-1975), os Atos dos Apóstolos é o reflexo da teologia dos étnicos-cristão, que representa a história da salvação. E neste contexto aparece R. Tannehill centra os estudos na questão da coesão entre ambas as obras. Tannehill justifica essa unidade literária da obra lucana, a partir de muitos recursos literários que o autor utiliza na narrativa. Nelas estão presentes as repetições temáticas; paralelismo; as cadeias narrativas; síncries entre muitos outros elementos. Todos Estes recursos linguísticos e literários no livro dos Atos dos Apóstolos, segundo a exegese recente, recorrem em função de um objetivo ou projeto teológico que o autor se propôs.

Por isso, para chegar a esta intencionalidade teológica que o autor dos Atos plasmou na sua obra, torna-se necessário acompanhar o itinerário que ele mesmos impôs na narrativa. Lucas sem a pretensão de elaborar uma teologia sistemática como tal, é nas encruzilhadas das histórias narradas que lança sutilmente a sua intenção e onde quer que seus leitores cheguem. Para R. Monasterio e A. Carmona, o grande projeto teológico de Lucas está fundamentado no “caminho profético e salvífico programado e dirigido por Deus Pai que oferece a salvação”. Ao passo que para D. Marguerat, Lucas faz uma teologia histórica, ou seja, conta uma história (perspetiva historiográfica) a fim de defender o movimento cristo (perspetiva apologética).

---

<sup>117</sup> Cf. D. Marguerat, *Introducción al Nuevo Testamento*, 106.

Na releitura de alguns textos dos Atos, foi possível encontrar e ver propriamente como o autor usou alguns mecanismos literários para concluir com o seu objetivo. Para nossa melhor compreensão selecionamos alguns textos. Assim, o episódio de Pedro e Cornélio (cf. At 10), representa para nós a abertura do cristianismo ao mundo pagão. Neste episódio Lucas torna evidente o sentido da abertura e a expansão da comunidade – um Deus para todos. Eis aí a grande novidade do cristianismo - *“Uma Igreja de portas abertas”* - utilizando a linguagem do Papa Francisco, pois “a alegria do Evangelho é para todo povo, não se pode excluir ninguém; assim foi anunciada pelo anjo aos pastores de Belém: «não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo (cf. Lc 2, 10)”. Passado o episódio de Pedro e Cornélio, refletimos brevemente sobre o significado da “Concílio de Jerusalém” (cf. At 15) que para muitos comentaristas da Sagrada Escritura, este acontecimento representa o clímax de toda narrativa dos Atos, pois que nele se determina questões importantes que condicionaram o desenrolar da história subsequente, na continuidade e descontinuidade de algumas práticas judaicas. Em certo sentido, é o cristianismo que se despede de alguns elementos judaicos, procurando deste modo a sua identidade sem necessariamente abolir as suas raízes.

A figura de Paulo o modo como é construído na narrativa dos Atos dos apóstolos, faz de ponte entre o judaísmo e cristianismo. Lucas em seus discursos, faz-nos transparecer Paulo como teólogo e grande missionário entre os gentios. Sem a pretensão de fazer uma biografia de Paulo, o autor lucano, preserva a sua memória destacando sobretudo a sua influência no nascimento cristianismo. As três versões da conversão de Paulo (cf. At 9; 22; 26), não se trata de uma mera reposição, mas queriam evidenciar a importância deste acontecimento para Lucas e para toda história do cristianismo. E com Paulo em Roma (cf. At 28), se coloca em evidência a consolidação do cristianismo.

E finalmente, em última instância fez-se referência a respeito de alguns traços que definem a identidade cristã nas suas origens. São elementos necessários para entender o cristianismo hoje. Assim, abordou da dimensão da unidade na diversidade, uma realidade já vivida pela comunidade primitiva; a dimensão da universalidade da mensagem cristã que ultrapassa barreiras, raciais, culturais e geográficas. O cristianismo é integrador na sua essência, pois, Deus quer que os seus filhos superem qualquer particularismo para abrirem à universalidade da salvação. Portanto, continua o Papa Francisco, cada batizado é chamado a sair de si mesmo e abrir-se aos outros, a viver a proximidade, o estilo do viver juntos, que transforma qualquer relação interpessoal numa experiência de fraternidade.

Portanto, desafio no final deste exigente trabalho, voltamos naquilo que consideramos enigmático: o final do livro dos Atos. O final da narrativa dos Atos dos Apóstolos termina de maneira abrupta, ficando de fora algumas questões por resolver. O seu final (cf. At 28, 17-28) gerou séculos de estudos e debates.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

### Fontes

Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulus, 2002).

Bíblia Sagrada, (Edição Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima (2005

### Documentos do Magistério da Igreja

Concilio Vaticano II, Constituição Dogmática Sobre a Igreja, *Lumen Gentium* (1964).

Papa Francisco, *Catequese Sobre “Os Atos Dos Apóstolos”*, 2016-2017 (1920).

Papa Francisco, Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium* (2013).

Pontificia Comissão Bíblica, *Interpretação da Bíblia na Igreja* (1993).

### Comentários

AAA. *Comentário Bíblico* Vol. III (Edições Loyola; S. Paulo; Brasil, 2001).

Bruce, F.F., *Hechos de los Apóstoles Introducción, Comentarios y notas* (Buenos Aires, Argentina: Nueva Creación; Grand Rapids, MI: Eerdmans 1998).

Fitzmeyer, Joseph, *Los Hechos De Los Apóstoles – Traducción, Introducción y Comentario* (1, 1-8, 40) Tomo primero (Ediciones Sígueme; Salamanca, 2003).

González, Justo L., *Hechos – Comentario Bíblico Hispano Americano* (Editorial Caribe, Miami, 1992).

Kürzinger, Josef, *El Nuevo Testamento y su Mensaje - Comentario para la Lectura Espiritual* (Editorial Herder, Barcelona, 1974).

### Monografias

J. Auneau, J. – Bovon, F. – Charpentier, E. – Gourgues, M. – Radermakers, J., *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos* (S. Paulo; Edições Paulinas; 1985).

Langner, Córdula, *Evangelio de Lucas - Hechos de los Apóstoles. Biblioteca Bíblica Básica.* (Estella (Navarra), 2013).

Marguerat, D., *The first Christian Historian – Writing the Acts of the Apostles* (Cambridge University Press, 2004).

Marguerat, D., *Introducción Al Nuevo Testamento – Su historia, su escritura, su teología.* (Desclee de Brouwer, Bilbao, 2008).

Monasterio, R. – Carmona, A., *Evangelios y Hechos de los Apóstoles* (Estella, Navarra, 1992).

Monastério, R. – Carmona, A., *La Investigación de los evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles en el siglo XX* (Estella, Navarra, 2003).

Tannehill, R., *The Narrative Unity of Luke-Acts: A Literary Interpretation, Volume One – The Acts of the Apostles* (Fortress Press, Minneapolis, 1994).

Witherington III, Ben., *The Acts of The Apostles – A Socio-Rhetorical Commentary* (William B. Eerdmans Publishing Company; Cambridge, U.K, 1998).